O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO — J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 18 DE MAIO DE 1889

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:794

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Os factos.—As propostas do governo.—Um projecto de representação.—Emygdio Navarro.—Eduardo Coelho.—Commissão districtal.—Noticiario.—Eduardo Coelho. — Aposentação dos parochos.— Carta de Lisboa. —Carta de Fozcoa.— Secção parlamentar. — Secção agricola. — Secção litteraria.—Parte official.—Correio de Lisboa.—Carta do Porto.—Movimento maritimo.

AVEIRO

OS FACTOS

Os jornaes da opposição transformaram a questão dos vinhos em questão politica. Deve-se porém a attitude do grupo serpaceo, ás leviandades praticadas pelo commercio, que grita a favor da liberdade, uma vez que não lhe affrontem os privilegios, mas que a não quer para a companhia vinicola, muito embora allegue que é pequeno o capital d'ella para perturbar ou alterar as transacções que elle fazia.

A *grève* foi o producto de uma teimosia injustificavel. Quando o governo chamou o commercio a collaborar no contracto de 15 de março, o commercio retrahiu-se. A associação commercial do Porto declarou que não queria saber de nada, porque não consentia que se criasse uma companhia vinicola. D'este modo deixou correr á revelia o processo, e quando viu a companhia organisada é que começou a barafustar, e a fazer exigencias desarrazoadas.

Primeiro veio a questão dos armazães. Depois surgiu o protesto contra as marcas de região. As aclarações do governo tiraram todas as duvidas. Os armazães tanto servirão para a companhia como para os negociantes que quizerem collocar ali os seus vinhos. E quanto a marcas, o governo não se presta a garantir a procedencia do genero, servindo as guias que o acompanharem apenas como expediente fiscal. E nada mais.

Mas o commercio não quer saber de contos. Fez a *grève* porque tinha promettido fazel-a. Expediu com antecipação os seus vinhos para o estrangeiro, e por tanto a suspensão de trabalhos em nada o prejudica. Os operarios que esperem se quizerem, ou que se entretenham com outros serviços, excepto os que forem precisos subsidiar para concorrerem aos *meetings* e para fazerem arruaça pelas ruas de Villa Nova. Estes são pagos para auxiliar a tal resistencia pacifica, que as casas estrangeiras iniciaram, querendo assim intervir nas questões propriamente nossas, e que lhes é defexo abordar.

Ora se a *grève* é obra do capricho, porque nenhum interesse licito a recommenda, não teria andado melhor a regeneração em aconselhar o commercio a desarmar os seus arraiaes, em vez de o incitar á guerra, que sabe não pode trazer para elle resultados favoraveis?

Não sabe a opposição que a companhia vinicola do norte é hoje um facto consumado, e por tanto que não pode desfazer-se, nem mesmo quando a tribu serpacea chegar ao poder? Ignora o que se passou com as concessões feitas pela regeneração ao sr. Paiva de Andrada, que apezar dos comicios, dos protestos e da hostilidade do partido progressista, se mantiveram sendo elle governo?

Ora se além da questão de direito, ha mais aquelle facto historico, para que estão ahi a fazer jogo politico com os negociantes de vinhos, quando uns e outros sabem muito bem, que a companhia vinicola ha de manter-se atravez dos *meetings* e das *grèves*, sendo um erro dar força a uns despeitos, que as conveniencias publicas não apoiam, por serem contrarios ao interesse do maior numero?

Os dos vinhos resignavam-se a abrir os seus armazães e a pôr de novo em laboração as tanoarias, se por ventura fosse exonerado o sr. Corrêa de Barros do logar de governador civil. Já se vê que o que os contraria é a presença d'aquelle cavalheiro no cargo para que foi nomeado pelo governo. Isto revela a sua importancia e bem assim a existencia do capricho de uma classe respeitavel, mas que devia ser estranha a aventuras politicas. E porque o não é, é que prosegue n'uma cruzada que se tornou antipathica ao paiz.

Tudo isto é muito para lamentar, e prova bem a fraqueza dos partidos. Especula-se com tudo, e de tudo se pretende fazer cavallo de batalha, já que falham os pretextos serios para combater o governo.

Resta vêr como serão apreciados os trabalhos apresentados pelos srs. ministros da fazenda e obras publicas ao parlamento, destinados a promover o consumo interno e a exportação dos vinhos nacionaes, melhorando o seu fabrico. Esta proposta de incontestavel valor vae ser discutida amplamente, podendo todos collaborar no seu aperfeiçoamento, porque se trata do bem do paiz, dos interesses legitimos do productor, do especulador e do consumidor, e n'estas condicções não nos parece que haja facciosismo que possa prevalecer.

AS PROPOSTAS DO GOVERNO

Importante o trabalho apresentado ás côrtes pelo governo sobre a questão vinicola. Senão vejam a proposta de 15 do corrente, e digam-nos depois os entendidos no assumpto se temos ou não razão para o asseverar.

Eil-a na sua integra:

Artigo 1.º E' o governo auctorisado a conceder premios de exportação durante cinco annos para os vinhos portuguezes de pasto, brancos e tintos, que forem exportados para os mercados estrangeiros, onde sejam pouco conhecidos:

§ 1.º Estes premios serão:

1.º Para os mercados da Europa:

Por cada 50 hectolitros exportados durante o anno, 15$000 réis:

Por cada 500 hectolitros exportados durante o anno, mais 30$000 réis:

Por cada 5:000 hectolitros exportados durante o anno, mais 200$000 réis.

2.º Para os mercados da Africa, Asia, America e Oceania os premios terão o augmento de 50 por cento sobre os que ficam estabelecidos no n.º 1.º

§ 2.º O governo, ouvidos os conselhos superiores de agricultura e do commercio e industria, fará, todos os annos, publicar uma lista designando os mercados e respectivos portos, que devam ser comprehendidos na disposição d'este artigo, tendo em vista o estado dos mercados interno e externo, e a influencia que os premios de exportação, concedidos ou a conceder, tenham exercido ou possam vir a exercer no consumo dos vinhos portuguezes.

§ 3.º Os exportadores para os mercados que sejam excluidos da lista, a que se refere o paragrapho anterior, receberão ainda por mais um anno os premios de exportação, correspondentes ás remessas que effectuarem para esses mercados.

§ 4.º As companhias que recebam subsidio do governo para estabelecimento de depositos commerciaes de vinho no estrangeiro não terão direito a premios de exportação pelos vinhos que exportarem para os paizes onde forem obrigados a ter aquelles depositos.

Art. 2.º E' o governo auctorisado a dispender até á quantia de 10:000$000 réis para ser distribuida em premios ás associações de viticultores e aos vinicultores, que singular ou collectivamente fabricarem, pelo menos, 200 hectolitros de vinho pelos typos das amostras que lhes sejam fornecidas por intermedio da direcção geral de agricultura, adequados ás exigencias dos mercados estrangeiros.

§ unico. Para auxiliar as entidades, a que se refere este artigo, no fabrico d'estes vinhos, o governo contractará no estrangeiro o pessoal pratico necessario para nas localidades vinhateiras mais importantes e durante as épocas proprias executar nas adegas particulares todas as operações vinarias que forem convenientes.

Art. 3.º Os artigos n.ºs 8 e 9 da pauta D—de direitos de exportação de productos nacionaes—ficam substituidos pelos seguintes:

«Art. 8.º Vinho commum branco—Livre.

Art. 9.º Vinho commum tinto, decalitro—12 reis.»

Art. 4.º Na pauta dos direitos do consumo de Lisboa, decretada em 22 de setembro de 1887 e modificada por leis de 13 e 18 de julho de 1888, fazem-se as seguintes alterações, substituições e accrescentamentos:

a)	Vinho branco ou tinto até 13º 100 kilogrammas.....	2$200 réis
b)	Vinho branco ou tinto de 13º, 1 a 22º, 100 kilogram.	3$500 »
c)	Carvão de coke e vegetal, *ad valorem*	8 0/0
d)	Caça viva ou morta, 100 kilogrammas.....	8$000 »
e)	Cal em pedra, 100 kilogrammas.....	$045 »
f)	Cal em pó, 1 metro cubico.	$075 »
g)	Pedra do alvenaria (excepto a destinada a calcetamentos, britada ou por britar em parallelipipedos, etc.), 1 metro cubico.....	$050 »
h)	Cantaria em desbaste, 1 metro cubico.....	$200 »
i)	Cantaria apparelhada, 1 metro cubico.....	$750 »
j)	Cantaria em lagedo apparelhada, 1 metro cubico.....	$070 »
k)	Madeira em varas, paus, ripas e barrotes, cada um..	$010 »
l)	Madeira em viga e vigotes, 1 metro cubico.....	$450 »
m)	Madeira em tábuas e folhas serradas, 1 metro cubico..	$550 »

§ unico. Exceptuam-se os vinhos generosos do Porto e Madeira, que continuarão a pagar os direitos estabelecidos na pauta actual.

Art. 5.º O excesso da receita proveniente dos direitos do consummo em Lisboa estabelecidos por esta lei, sobre o producto d'elles no anno economico de 1888-1889, depois de deduzida a parte respeitante, não só a alargamento que por ventura haja na área da mesma cidade, como ao desenvolvimento natural do consummo apreciado pela media d'esse desenvolvimento nos tres annos findos em 30 de junho de 1889,—será applicado, por metade, para reducção proporcional nas taxas do consummo do vinho, e da carne na mesma cidade de Lisboa.

Art. 6.º São abolidos os direitos de importação nas colonias portuguezas, para os vinhos e seus derivados, produzidos e expedidos do continente e ilhas.

Art. 7.º A's industrias que se estabeleçam para o fabrico da aguardente fina, no genero de cognac francez e das aguardentes finas preparadas, exclusivamente confeccionadas com vinhos portuguezes, e que consumam pelo menos 15:000 hectolitros d'estes vinhos, será concedida a introducção livre de direitos das machinas e instrumentos necessarios á sua installação, e a isempção de quaesquer contribuições durante cinco annos.

§ unico. Os direitos sobre as bebidas alcoolicas estrangeiras fixados nos artigos 217.º e 218.º da pauta. Os direitos da importação, serão elevados do modo seguinte:

Art. 217.º Aguardente e alcool simples em cascos ou garrafões, decalitro de alcool puro..... 15$800

Art. 218.º Aguardentes e alcool simples que vierem em garrafas, botijas ou vasos semelhantes e bebidas não especificadas, decalitro.. 25$200

Art. 8.º Nenhum contracto com companhias de navegação para as provincias ultramarinas será feito pelo governo sem que se estipule uma reducção nos transportes dos vinhos portuguezes e na devolução das taras vasias. Eguaes vantagens para os mesmos vinhos serão introduzidas na approvação de quaesquer tarifas do caminho de ferro.

Art. 9.º E' o governo auctorisado a applicar durante cinco annos até á quantia de 10:000$000 reis annuaes á acquisição de bacellos e barbados de cepas americanas resistentes, no estrangeiro, para serem distribuidos pelos viticultores, a preços modicos e a prasos rasoaveis, nos termos do regulamento.

Art. 10.º O governo fará os regulamentos necessarios para a execução d'esta lei.

Art. 11.º Fica revogada a legislação em contrario.

Secretario d'Estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria. Lisboa, 15 de maio de 1889.—*Henrique de Barros Gomes.—Eduardo José Coelho.*

Este trabalho convida todas as actividades a discutil-o. Não se trata de uma questão politica. Respeita a interesses d'ordem economica de subido alcance.

E' muito para desejar, que as competentes na materia entrem na discussão, a fim de que o parlamento, abrindo mão de questiuncullas, prove que se empenha deveras pelo bem do paiz.

UM PROJECTO DE REPRESENTAÇÃO

Nos comicios de Villa Nova combinou-se no seguinte projecto de representação aos poderes publicos:

«*Senhores!*—O operario e o pequeno industrial estão luctando com innumeras difficuldades. O commercio de vinhos, ditos do Porto, pretende mostrar ao governo toda a força da sua importancia, fechando os armazães e tanoarias, suspendendo os trabalhos, e fazendo paralisar o movimento de transportes já terrestres, já do rio. E isto é uma calamidade, cujas consequencias estão soffrendo as classes trabalhadoras. Se os commerciantes, que dispõem de grossos cabedaes, mourejassem dia a dia para grangear a sua subsistencia, não sustentariam caprichos, que affrontam o bem estar de muitas familias. Mas como elles enriqueceram com o suor dos pobres, agoram abusam da sua força, paralisando as transacções, e querendo assim mostrar ao governo que dispõem de recursos sufficientes para causarem graves prejuizos no viver economico d'esta região.

Senhores!—Se os negociantes de vinhos estão no seu direito de promoverem uma crise de trabalho, que causa tamanhos prejuizos á população empregada nos armazães, nas tanoarias, e nos transportes de terra e rio, tambem á população cujos braços se manteem ociosos cabe o direito de protestar contra uma teimosia que trará a ruina ás classes trabalhadoras, promovendo de sua conta a abertura dos armazães e officinas, visto que o contracto de 15 de março, que creou a companhia vinicola do norte, não produziu ainda acto algum, que affronte ou contrarie o chamado commercio livre, que é o monopolio mais descarado de que ha memoria.

Ora como com estes caprichos nada teem os pobres, e como os operarios, singeleiros e barceaceiros pretendem ganhar honradamente a vida, o que todos desejam é que os patrões se deixem de fofas, deixando de os considerar com fantoches.

Pedem e instam por todos os santos da côrte celestial que se ponha ponto a um conflicto que os está prejudicando, sem quererem saber de cousas que não são da sua competencia, e sentindo apenas que façam dos supplicantes joguete, quando elles não são bestas de carga e se presam de ser homens livres.

Pedem pois aos patrões que se deixem de os sacrificar em *grèves* e arruaças que não teem rasão de ser, e aos poderes publicos que os protejam e amparem, fazendo com que cesse a crise artificial de que estão sendo victimas.—E. R. M.»

Teem razão aquelles cidadãos. A fantochada dos comicios, em que os manos Romariz apparecem em toda a parte, multiplicando-se, está desagradando ao paiz, e não convém aos interessados. A gréve promovida pelos patrões, é um facto original, e ainda mais original o invocar-se o nome do Porto, que é extranho a tudo, não obstante os esforços desesperados dos empreiteiros de arruaças a tanto por cabeça.

N'um paiz livre taes manifestações caem no ridiculo. E se nos negociantes de vinhos ha ainda um vislumbre de patriotismo, deixem-se de mistificações, que estão prejudicando os seus legitimos interesses, abrindo mão de processos que na epoca em que vivemos não podem produzir bons fructos.

EMYGDIO NAVARRO

Foi imponente, sympathica, e sobretudo cordealissima, a manifestação de reconhecimento prestada pelos pares e deputados d'este districto, em nome da Junta Geral, ao sr. conselheiro Emygdio Navarro, pelos extraordinarios e relevantes serviços que fez a esta circumscripção administrativa durante a sua gloriosa gerencia da pasta das obras publicas.

O nosso estimado correspondente de Lisboa dá-nos uma resumida noticia do que foi essa festa verdadeiramente districtal, sem distincção alguma de côres partidarias, e tanto mais significativa quanto foi feita a quem já não é ministro da corôa, e portanto sem caracter algum de lisonja ou de adulação. O districto de Aveiro tinha em verdade obrigação de se distinguir, como distinguiu, no grande côro nacional de homenagens de gratidão ao prestigioso estadista e incansavel propugnador de todos os grandes melhoramentos moraes e materiaes do seu paiz, porque foi tambem este districto o mais privilegiado na distribuição d'esses melhoramentos.

Tambem razões especiaes, como muito bem disse o sr. Emygdio Navarro, justificavam este privilegio. E' natural d'este districto, e foi por largos annos deputado por Anadia, um dos circulos d'elle, o nobre e honrado chefe do partido progressista, que occupa hoje, com merecida gloria, o mais alto logar da politica portugueza e de consideração publica. Pertence a este districto o circulo de Arouca, que por muitos annos, e ainda nas epochas de maior provação do partido progressista, teve a honra de ser representado em côrtes pelo sr. Emygdio Navarro. Generosamente lhes retribuiu elle, em beneficios publicos, esta nossa provada dedicação ao partido progressista.

Por isso tambem ha de ficar saudosissimamente memoravel para este districto, o seu nome glorioso.

EDUARDO COELHO

Enlutou-me profundamente o espirito a nova de que Eduardo Coelho, havia fallecido, pois era admirador convicto do seu talento e das brilhantes qualidades da sua nobilissima alma, e bem assim seu amigo. Devo-lhe finezas que se não esquecem facilmente; tenho pela sua memoria uma veneração querida, de fórma que augmentei com o seu nome a lista já bastante longa dos meus mortos.

Mantinha relações com Eduardo Coelho desde 1875, em que publiquei o meu primeiro livro; conservo d'elle desde esse tempo uma carta cheia de conselhos e de palavras animadoras e enthusiastas, que guardo com veneração entre os meus papeis. Depois, em varias epocas e sobre varios assumptos, trocámos correspondencia amiudada, até que em maio de 1882 entabolámos relações pessoaes, que só a sua morte agora veio cortar.

Havia poucos dias que se tinha inaugurado aqui a Exposição districtal, esse esplendido commettimento, de cuja iniciativa me vanglorio e em que tive por auxiliares valiosissimos, além do meu melhor amigo e nunca esquecido padrinho Mendes Leite, outros cavalheiros com cuja amisade ainda me honro, ainda outros que os deveres officiaes levaram a mudar de residencia, mas que tambem não esqueço e finalmente outros que a maldita politica affastou, mas que eu no meu intimo continuo a estimar, porque nunca soube nem saberei jámais ser ingrato. Foi no dia 13 ou 14 de maio, se me não engana a memoria, era quasi noite e acompanhei ao Hotel da Boa Vista o sr. Nicolau de Brito, escriptor de merito e um perfeito cavalheiro, que tinha vindo expressamente de Lisboa, a fim de visitar a nossa exposição. Ao mesmo Hotel havia chegado momentos antes Eduardo Coelho a quem pessoalmente não conhecia ainda, apesar de com elle já ha muito manter relações, como disse. Fui-lhe apresentado pelo sr. Nicolau de Brito e em seguida abraçado por elle como um velho amigo. A chegada de Eduardo Coelho foi para mim motivo de grande prazer, e durante a sua estada então em Aveiro acompanhei-o sempre. Nem elle nem eu nos esquecemos jámais d'isso, pois relembravamol-o todas as vezes que depois nos encontramos. A ultima, foi o anno passado em Coimbra, onde elle veio procurar alivios para a doença que agora o victimou e, onde fui expressamente para o abraçar. Mal diria eu que era a ultima vez. Do nosso primeiro encontro dizia dias depois Eduardo Coelho no seu *Diario de Noticias:*

«Contrariado nos meus projectos principescos de viajar incognito, mal me senti á meza do hotel, um sujeito de rosto severo, que ali escrevia, me increpou amargamente de eu o haver feito assassinar duas vezes... em letra redonda, offerecendo-me ao mesmo tempo o doce do seu pires, que poderia bem ser o veneno dos Borgias:

— Duas vezes me matou, não lh'o perdoarei jámais... *jamais do la vie.*

— Mas, senhor, eu não tenho a honra de conhecer a v. ex.ª

— Assim será. Mas matou-me duas vezes; nunca lh'o perdoarei, principalmente a segunda, em que tive um grande trabalho para resuscitar... A primeira em duello, com um official austriaco em Wiesbaden; a outra,—horror! suicidado em Paris! Não é o sr. Fulano?

— Sim, senhor; e v. ex.ª?

— Sou cicrano.

Era Nicolau de Brito.

— Os meus crimes, senhor, lhe disse eu, com voz que supplicava um perdão immerecido, são tão extraordinarios, que no momento horrendo em que principia a explicação terrivel do remorso, tenho a gloria unica de saudar a nobre victima... bebendo á sua saude.

O illustre resuscitado trocou elementemente o copo commigo, e vingou-se depois por tal sorte das minhas atrocidades, que viemos a ser dos mais dedicados companheiros, assim como já eramos collegas, pois aquelle cavalheiro é ha muito mais que um «dilletanti» no jornalismo, e estava ali como collaborador do *Commercio de Portugal*.

Pouco depois o criminoso estava denunciado ás auctoridades e aos jornalistas de Aveiro. Foi o delator um empregado do governo civil, Marques Gomes, escriptor que se faz uma gloria de apregoar os meritos da sua terra, o mostrar os seus monumentos aos que a visitam. Marques Gomes traz sempre mergulhado o seu claro espirito nas tradições portuguezas, de que sabe muito, tendo collaborado em varias publicações periodicas, uma das quaes o *Jornal do Commercio*, e escripto: *Memorias de Aveiro*, (exgottado), *D. Duarte de Menezes*, esboço historico, *O Districto de Aveiro*, de que nos brindou com um exemplar, e que é uma monographia interessantissima a que vamos tirando alguns apontamentos que nos servem de facil erudição, a biographia de *Mendes Leite, A mulher através dos seculos*, e *D. Joanna de Portugal*. Além d'isto estão em elaboração: *Lutas caseiras* (1846-1847), e Aveiro e o seu concelho.

Este admiravel *ciceroni*, o unico *ciceroni* possivel na Europa e na America, porque é illustradissimo, e nem inventa dois craneos de Santo Agostinho, como o *ciceroni* de Italia, nem faz discursos ao echo das catacumbas; como os de Santa Genoveva de Paris, veio logo ao meu encontro com os thesouros da sua dedicação e do seu saber, como fizera ao meu collega, e todos os segredos historicos, artisticos e monumentaes de Aveiro me foram revelados.

No club appareceu logo Mendes Leite, actual governador civil do districto, e meu antigo amigo, desde os ultimos annos da vida de José Estevão, em que elle, seu amigo e companheiro de emigração, frequentava a sua casa, e a redacção da *Revolução de Setembro*.

— Preso, para jantar ámanhã em minha casa.»

A proposito d'este jantar que foi magnifico, como todos os que Mendes Leite offerecia na sua pittoresca vivenda do Seixal, n'esse *artistico ninho* a que me prendem as mais saudosas e gratas recordações, escreveu Eduardo Coelho:

«Na tarde do dia do nosso passeio á ria e a Angeja tivemos a satisfação de nos sentarmos á mesa do nosso velho amigo Mendes Leite, foi no escriptorio d'esse jornal e em casa de José Estevão que eu conheci pela primeira vez este homem tres vezes respeitavel. Eu collaborava no seu jornal na qualidade de chronista, e fui durante algum tempo secretario de José Estevão na sua casa da rua Formosa, d'onde um dia acompanhei o seu cadaver ao cemiterio, commovido pela perda de um dos mais bellos talentos da nossa tribuna.

Póde imaginar-se que recordações me não daria a estada durante quatro horas em casa de Mendes Leite, que naturalmente na sua conversação animada, e cheia de um enthusiasmo que raras vezes se conserva na sua idade, se referia a mindo a esses tempos.

Luiz de Sousa Coutinho, o bom, honrado e fiel editor, e director typographico da *Revolução*, que é a dedicação em pessoa, e a quem devi, depois de Vieira da Silva, o meu chamamento para chronista effectivo do jornal; A. Rodrigues Sampaio, o mestre austero e amigo de todos os rapazes que trabalhavam, e que a tantos auxiliou, e illustrou com as lições do seu saber, e os exemplos do seu amor da liberdade e de honradez; Vieira da Silva, o tribuno ardente e talentoso da associação, e jornalista laboriossimo; A. R. Sampaio, sobrinho, o companheiro das extensas madrugadas da revisão; o velho liberal Moraes Sarmento; João de Sousa Machado, o antigo agradavel e devotado; muitos dos primeiros politicos, e os estadistas principaes do paiz, que ahi lidei nas longas noites da redacção, e nas manhãs em casa de José Estevão, para mim obrigadas a uma chavena de caldo com batatas, que era a sua refeição matinal favorita, entre o dictar de um quarto, e o dormitar ao menos apparente, de um somno em cujo accordar ruidoso a sua boca se desentranhava em torrentes de idéa, como se estivesse orando ardentemente em pleno parlamento. O luminoso tributo d'esse periodo de reconstrucção social, feita segundo os moldes constitucionaes, tinha por vezes difficuldade em circumscrever as expansões do seu espirito ás proporções acanhadas de um artigo de fundo, e por isso inutilisava cinco ou seis fórmas differentes antes de encontrar a definitiva. Nas madrugadas da *Revolução de Setembro*, quando elle, por ausencia de A. R. Sampaio, estava encarregado do principal artigo, havia episodios curiosos. Uma vez, em que muitos amigos, como a miudo succedia, o tinham impedido de escrever, ao vêl-os sair, o zelosissimo chefe da composição lembrou-lhe amavelmente que era tarde, não havia artigo de fundo e o noticiario era pouco. José Estevão bradou tomado de iras de Othello:

— E elles não deram nada para o chouriço? patifes! despotas!... prohibo que alguem d'ora ávante aqui ponha o pé sem contribuir para o *chouriço!*

E decretou n'uma circular a todos a *contribuição do chouriço;* ou o fornecimento de informações para o noticiario.

Outra vez estava a dictar o artigo de fundo com successivas intermittencias de somno. Eram 3 1/2 horas da manhã. De repente ergueu-se rubro de cholera e clamou:

— Estas cadeiras foram inventadas pelos inquisidores.

Atirou com uma para cima da mesa, entornando o tinteiro, e disse ao Coutinho, saindo com o casaco branco de rastos, e o chapéo a Zamperini:

— Mandem dizer ao Latino que faça o artigo de fundo!

O moço do jornal saiu, e d'ahi a meia hora voltava do Gremio com um artigo do Latino Coelho ácerca de uma reforma de instrucção publica.

O jornal imprimiu-se n'esse dia mais tarde.

A' mesa de Mendes Leite estavam, além dos dois convidados de fóra, seu filho, e a illustrada companheira do dono da casa; sua nora D. Clara Leite e duas galantes netas, seu afilhado Marques Gomes, auctor da biographia d'elle a que tiramos algumas datas, Mello e Freitas, e veiu ao *dessert* Carlos de Faria. Saudamos com a maior satisfação a familia do provado liberal e democrata, e os amigos com quem n'este passeio travámos relações.»

Em 1884 Eduardo Coelho acompanhado pelo seu e meu amigo o sr. conselheiro Antonio José Duarte Nazareth, esteve de novo alguns dias em Aveiro. Vinha então como delegado da grande commissão da exposição agricola da Tapada d'Ajuda, a fim de obter productos para a mesma exposição, e n'esse intuito vizitou alguns concelhos do districto, captando por toda a parte unanimes sympathias.

Pouco tempo antes tinha sido inaugurado o *Gremio Aveirense*. Eduardo Coelho foi alli apresentado por Mendes Leite e por mim, de fórma que foi elle um dos primeiros apresentados, é o terceiro, como se vê do *Livro dos apresentados* d'aquella Sociedade, lendo-se na 1.ª pagina e 3.ª linha a assignatura de Eduardo Coelho e a data de 20 de março de 1884.

Eduardo Coelho que era caritativo em extremo, das duas vezes que esteve aqui, soccorreu com mão generosa algumas familias verdadeiramente necessitadas, as quaes nunca souberam o nome do seu bemfeitor, porque elle lh'o occultou e me pediu egualmente que o não denunciasse—pedido que satisfiz.

Reproduzo hoje, o que em 1882 escreveu Eduardo Coelho, por isso se prender com a historia da sua vida toda trabalho e dedicação. N'aquelle mesmo jantar, contou elle com a franqueza que lhe era peculiar, e como que desejando que todos soubessem quanto amargurada lhe fôra durante muitos annos a existencia, o seguinte episodio que é reflexo da bondade do seu coração.

Era já tarde, cansado pelo trabalho de redacção, na *Revolução de Setembro*, e desalentado com o futuro, recolheu-se a casa que então era um mais que modestissimo quarto de uma agua furtada d'um predio qualquer. Eduardo Coelho, por economia de tempo ou porque confiava demasiado que nenhum gatuno se aventuraria a ir dar-lhe *varejo* aos seus haveres, taes eram elles, nunca levava a chave da porta. Quando entrou e ia para deitar-se, encontrou um homem dormindo socegadamente no seu pobre grabato. Talvez ainda seja mais infeliz do que eu, coitado, disse Eduardo Coelho, e cerrando a porta saiu, indo passar o resto da noite para a redacção da *Revolução de Setembro*, onde dormiu sobre algumas resmas de papel de impressão.

N'um outro artigo de Eduardo Coelho, de que religiosamente guardo o original, ha tambem alguns traços importantes da sua vida de rapaz. D'elle farei em outro numero, largos extractos. Este artigo foi publicado no opusculo *Parabens*, que em 18 de maio de 1885 consagrei ao meu querido padrinho Mendes Leite. Triste coincidencia, o dia de hoje era o do seu anniversario natalicio; e este anno, em vez de o ir saudar ao Seixal como sempre costumava, venho prantear a perda de um dos que ha quatro annos o saudaram tambem com enthusiastica effusão, assim como já fui hoje ao cemiterio espalhar sobre a sua campa rasa algumas folhas de rosa orvalhadas de lagrimas nascidas do coração.

Ambos são pois mortos, e n'este dia que para mim durante annos foi tão festivo, cabe-me o triste encargo de enfeixar essa meia duzia de phrases que ali deixo consagradas á memoria de Eduardo Coelho.

Triste! Triste!

MARQUES GOMES.

COMMISSÃO DISTRICTAL

RESUMO DAS DELIBERAÇÕES TOMADAS EM SESSÃO DE 13 DE MAIO DE 1889

Deliberou agradecer ao presidente da commissão executiva da Associação dos Salvadores e Club Fluvial d'Aveiro a communicação que lhe fizera e manifestar-lhe a profunda sympathia por tão benemerita e humanitaria instituição, protestando-lhe os melhores desejos e a mais decidida boa vontade em poder cooperar efficazmente dentro das suas attribuições legaes, na realisação dos fins a que ella se propõe.

Deliberou em vista do officio do presidente da commissão José Estevam datado de 9 do corrente, associar-se da melhor vontade em nome do districto, que representa, aos festejos que forem promovidos por occasião da inauguração da estatua ao grande tribuno, tomando n'esses festejos o logar que lhe competir.

Deliberou não usar do direito de suspensão com respeito á deliberação tomada pela camara municipal d'esta cidade, em sua sessão de 25 de abril ultimo, para que as feiras e mercados d'este concelho se effectuem nos proprios dias, quer sejam domingo ou dias santos, exceptuando quinta e sexta-feira Santa.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Regressou hontem á noite de Ovar a esta cidade o nosso collega, e digno deputado da nação, o sr. dr. Barbosa de Magalhães; mas voltou para alli na manhã de hoje.

— Deve chegar hoje á noite a Agueda o illustre e sollicito deputado por este circulo, o sr. conselheiro Albano de Mello.

Nomeação justa.—Foi nomeado medico da Companhia Real dos Caminhos de ferro portuguezes o distinctissimo clinico d'esta cidade, o sr. dr. Manuel Pereira da Cruz. Felicitamos a Companhia pela sua acertadissima escolha.

Commissão protectora.—Reuniu na segunda-feira, na salla das sessões da Junta Geral, e sob a presidencia do sr. dr. Barbosa de Magalhães, a commissão protectora dos menores expostos e desvalidos d'este districto. Assistiram as ex.mas srs.as D. Anna de Magalhães Mesquita, D. Maria José de Vilhena d'Almeida Maia e Magalhães, e D. Maria Eugenia de Almeida Castello Branco e Massa, e os srs. visconde da Silva Mello, padre Manuel Ferreira Pinto de Souza, e Albino Dias Ladeira de Castro. Tomou conhecimento de muitos requerimentos pedindo a entrega de menores como serviçaes, por contracto, e deliberou transmittir esses pedidos á Commissão Executiva.

Julgamento importante.—Começou hontem, e deve terminar hoje, na comarca de Ovar, o julgamento, por jury mixto de tres comarcas, d'uma causa importante. Os reus, Manuel Rodrigues das Neves e João de Vasconcellos e Silva, são accusados de homicidio frustado, mas a opinião publica é-lhe manifestamente favoravel, sobretudo depois da violenta perseguição de que tem sido victimas por parte da accusação particular. O illustre deputado por aquelle circulo, o sr. dr. Barbosa de Magalhães, veio expressamente de Lisboa a Ovar, para os defender como advogado.

Viação publica. — Na sua ultima sossão, a junta consultiva de obras publicas e minas deu parecer favoravel á approvação do projecto e orçamento do ultimo lanço da estrada districtal da Presa aos limites dos concelhos de Estarreja e Ovar.

— Vai ser estudado o lanço da Ponte da Rata á Ponte do Panno, por Requeixo, da estrada districtal de Albergaria á Palhaça.

Curiosidades.—Aos leitores que resolverem visitar Paris nos proximos dias da exposição, recordamos que os *Grands Magasins du Printemps*, no bd. Haussmann, são uma das maiores curiosidades parisienses, principalmente a sua monumental sala de machinas, installação unica no mundo.

Noticias de Vianna. —Em 15.—A's 6 horas da tarde de hontem naufragou por causa do nevoeiro, ao sul de Vianna, o vapor inglez *Collingwood*, capitão Qween, da lotação de 561 toneladas, e 15 tripulantes e 4 passageiros, procedente de Newport com carvão para o Porto. Perda total do navio e carga. Durante a noite foram todos os naufragos recolhidos a bordo da chalupa franceza *Louis Gustave*, de Brest, que estava fundeada a 5 milhas ao sul d'este porto, onde esta manhã desembarcaram os naufragos de bordo de 3 escaleres.

— Tambem alli houve no dia 14 um grande incendio em casa do snr. engenheiro Bravo. O fogo rompeu com grande violencia e communicou-se ao predio contiguo, habitado pelo conductor d'obras publicas, sr. Henrique Araujo. Os prejuizos são consideraveis.

Publicações.—Recebemos e agradecemos as seguintes:

— *Marrocos e Constantinopla*, de Edmundo d'Amicis, com desenhos magnificos de F. Ussi e C. Biseu, fasciculo n.º 25.

— *Jack, o Estripador*, romance da actualidade, de James Middleton, illustrado com gravuras, fasciculo n.º 5.

— *O Rei dos Grilhetas*, dramas da revolução franceza, de Ernesto Capendu, romance illustrado pelo processo Gillot, fasciculo n.º 17.

Todas estas obras se assignam na antiga casa Corazzi, Lisboa, ou Companhia Nacional Editora.

— *Os dramas de Pariz—O Recambole*; está ainda na memoria de todos o successo colossal que teve este romance, cujo heroe principal, o famoso *Rocambole*, figura n'uma longa série de crimes monstruosos, realisados com a maior audacia e subtileza.

Nenhum outro romance prendeu, como este, a attenção dos leitores, pelas suas peripecias habilmente delineadas, pelo seu movimento, pela verdade e observação com que estão estudadas todas as paixões humanas, toda a hediondez dos crimes mais inauditos, tudo emfim quanto a imaginação mais fertil póde conceber de horrivel e monstruoso. Fazendo uma nova edição d'este notavel romance, ricamente illustrado com 517 primorosas gravuras de grande formato, a Empreza tem em vista proporcionar aos seus assignantes e ao publico algumas horas de leitura d'um interesse indiscutivel.

O *Recambole* é a obra por excellencia de Pouson du Terrail, o maior e o mais notavel romance da actualidade, unica edição illustrada com 517 magnificas gravuras, grande formato.

As condições da assignatura são: O notavel romance *Os dramas de Pariz* está sendo publicado ás cadernetas de 24 paginas, ou 3 folhas in-quarto, em excellente papel, typo completamente novo e illustrado com muitas gravuras. Está já publicada a primeira caderneta e as seguintes continuarão com a maior regularidade.

Assigna-se da seguinte fórma:

Em Lisboa:—Cada caderneta semanal de 24 paginas in-4.°, 60 réis, pagos no acto da distribuição.

Nas provincias:—Custo de cada fasciculo quinzenal de 48 paginas com a sua competente capa, 120 réis (franco de porte).

Estas obras assignam-se no escriptorio da Empreza, Travessa da Queimada, 35, Lisboa.

— A *Companhia Editora de Publicações Illustradas*, tendo adquirido a propriedade de muitos volumes do grande romancista Camillo Castello Branco, propõe-se a reedital-os, em edição barata e economica, projectando tambem adquirir a propriedade de muitos outros, de fórma a vulgarisar em edição definitiva a monumental obra litteraria do nosso primeiro escriptor, honra e gloria do nome portuguez.

E' grande o commettimento, e a Empreza anima-se a encetal-o na esperança de que lhe ha de corresponder o favor do publico. O espirito nacional, nas suas diversas manifestações, de aventura, de ambição, de amor, de intriga, de generosidade e de odio, de ridiculo e de heroicidade, encontra-se alli photographado. A nossa sociedade tal como ella se exerce no meio da paz do systema constitucional, nas luctas da politica, nas prepotencias locaes, na rivalidade das familias, na burguezia que se afidalga, na fidalguia que se aburgueza, nos que se acommodam ás circumstancias e nos que são fieis ás tradicções do passado, no brazileiro que se faz visconde, no visconde que se faz cocheiro, na emigração que mata ou que enriquece, encontra-se ao vivo em romances que são epopéas de amor ou satyras saugrentas. A par da actualidade, encontra-se a civilisação que passou, e que um criterio positivo depura de entre preconceitos e fanatismos, de entre o servilismo dos panegyristas e a affirmação dos documentos, de fórma que os homens e os acontecimentos humanisam-se, o espirito comprehende-os, entende-lhes as paixões, os vicios e as virtudes.

E porque a obra litteraria de Camillo Castello Branco é tudo isto, é que os arrojados editores confiam no commettimento a que se abalançam, crendo que todo o homem que sabe lêr quererá possuir facilmente os livros do escriptor que mais o póde deleitar e instruir.

Estas publicações serão feitas em magnifico papel, excellente typo, formato elegantissimo, e lindas capas de percalina vermelha a preto e ouro.

As condições da assignatura são: publica-se cada mez um volume brochado da collecção Camillo Castello Branco.

Lisboa e Porto:—Cada volume pago ao distribuidor, 200 reis.

Provincias e ilhas:—Cada volume, franco de porte, 220 reis. A importancia de cada volume deve ser enviada adiantadamente.

— *Comedia Portugueza.* Está publicado o n.° 82 d'este semanario de critica humoristica, que se publica na capital, com illustrações de Julião Machado e prosa dos srs. dr. Marcellino Mesquita e Silva Lisboa.

Summario d'este numero: Retratos de Campos Valdez e Cinira Polonio (1.ª pagina)—A exposição de Paris (paginas do meio)—Carta a um trahido, *historia recente*, (pagina final)—Retratos dos amadores musicaes que se prestaram a auxiliar a recita dos jornalistas no theatro de D. Maria—Artes e Lettras—«Can-cans» illustrados.

Requisições a Silva Lisboa, redactor gerente da *Comedia Portugueza*, rua Ivens, 41, Lisboa.

— *A Moda Illustrada.*—O enthusiasmo de toda a França pelo seu grande commettimento civilisador—a Exposição do Campo de Marte—reflecte-se em tudo quanto vê a luz n'aquella grande nação. Assim é pois que até os artigos de modas teem um brilho fascinador e attrahente, que se poderia dizer extraordinario se não fosse aquelle paiz onde a moda recebe o seu baptismo. Para bem se avaliar a belleza das ultimas novidades n'este genero, vejam-se os lindissimos figurinos, e uma grande variedade de desenhos que a *Moda Illustrada* incere no seu numero de 15 do corrente e cuja descripção é feita pela fórma correcta e clara, que distingue aquelle jornal. A parte litteraria tambem vem muito interessante e variada.

Como é sabido cada numero da *Moda Illustrada* consta de 12 paginas, 8 das quaes completamente cheias de gravuras, uma folha de figurinos coloridos e outra de moldes, pelo preço de 200 reis avulso.

Assigna-se e vende-se no escriptorio da administração da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, rua da Atalaya, 42.

— *O Recreio.*—Publicou-se o n.° 10 da 7.ª série, contendo: «Chronica», Santos Gonçalves; «A Ressurreição», Azevedo Coutinho; «Perfis do Golgotha», Neves Junior; «Bruxaria», D. Juan Valera; «O sr. Ximenes», F. A. de Mattos; «Uma estrella», A. Miranda da Cruz; «Imperadores romanos», Raul Bramão; «Tu», J. Fernandes de Mattos; «Uma leviandade fatal», Girard; «Bibliographia», F. A. de Mattos; «Theatro do Principe Real», Jacques Sant'Anna.

Cada série d'esta revista contendo 62 numeros, fórma um volume completamente independente, e custa apenas 580 reis.

Estatua a Thiers.—A França vae prestar uma homenagem patriotica á memoria de Thiers, levantando-lhe uma estatua, n'uma praça de Paris. Para este fim, foi aberta uma subscripção pelo *Partido nacional*. O sr. Jules Simon foi um dos primeiros adherentes e os srs. Ferry, Léon Say, Bardoux, Lenoel associaram-se a este pensamento e arometteram, por carta o seu concurso. O senador Barthelemy Saint-Hilaire enviou ao *comité do partido nacional* a quantia de 46:000 francos, producto d'uma subscripção, aberta para o mesmo fim, no jornal *Bem Publico*, logo em seguida á morte do grande estadista. Saint-Hilaire escreveu tambem uma carta a Jules Simon, adherindo á patriotica homenagem.

EDUARDO COELHO

A morte d'este jornalista notavel surprehendeu-nos. Fallar d'elle é honrar a instituição. Digamos pois tambem do homem que tanto se distinguiu n'este ingrato certamen:

A's 9 horas e tres quartos da noite de 14 falleceu na sua casa da rua dos Cardaes de Jesus o nosso collega Eduardo Coelho, um dos fundadores e director do *Diario de Noticias*, Apezar da sciencia ter de todo perdida a esperança de o salvar da enfermidade, que ha tempos o accomettera, a sua morte foi uma dolorosa surpreza. Ainda hontem elle se levantou, sem que no seu estado se denunciasse qualquer alteração, que fizesse prever um desenlace fatal tão proximo. Pelo dia adiante, porém, começou a sentir-se ligeiramente indisposto. Depois do jantar, deitou-se sobre o leito, fez chamar sua esposa, e disse-lhe: Sinto-me agoniado.

E assim ficou, sem proferir mais uma só palavra, sem a menor convulsão da agonia, immovel, placido, como se estivesse dormindo! Quando á cabeceira do leito chegaram os medicos, que o iam observar, tiveram apenas de reconhecer o obito. A noticia da sua morte espalhou-se logo pela cidade, e durante a noite á redacção do *Diario de Noticias* affluiu muita gente a saber com vivo interesse se era verdadeiro o boato. Eduardo Coelho foi um dos jornalistas mais conhecidos do paiz. Trabalhador infatigavel, emprehendedor intelligente, á sua iniciativa se deve a creação em Portugal do jornal popular de 10 réis.

Tendo chegado de Coimbra, onde nascera, para seguir a vida commercial em Lisboa, abandonou essa carreira, e principiou a aprender a arte typographica. A sua tendencia para as lettras pôl-o em relação com os escriptores mais notaveis do paiz, e ainda antes de entrar para qualquer redacção foi secretario do visconde de Castilho, cujo convivio mais lhe estimulou o amor pela litteratura.

Passado tempo entrava como noticiarista na *Revolução de Setembro*, e ahi se tornou notavel a sua collaboração, pela maneira como Eduardo Coelho redigia as locaes, procurando imprimir-lhe a fórma litteraria e elegante que Silva Tullio dava ás noticias que escrevia na *Patria* e no *Correio Mercantil*.

Em seguida collaborou no *Conservador*, impresso na typographia do sr. Thomaz Quintino Antunes, hoje visconde de S. Marçal, e foi alli que ambos pensaram em crear o *Diario de Noticias*, um jornal barato e muito bem informado. A celebridade jornalistica de Eduardo Coelho começou verdadeiramente com este periodico. Toda a sua intelligencia de escriptor, a sua dedicação de jornalista, e a sua actividade de emprehendedor, elle empregou para lançar essa folha, luctando nos primeiros annos com todos os obstaculos que uma semelhante empreza encontra sempre, mas não succumbindo nunca, e conseguindo, afinal, depois de tantos esforços, fazer triumphar a sua obra com extraordinario exito. N'um paiz em que todos os jornaes são mais ou menos o orgão d'um determinado partido, e d'essa feição especial tiram os elementos de vida, póde calcular-se a impressão que causaria o apparecimento do *Diario de Noticias*, em cujo programma não havia compromisso politico, e só promettia informar os leitores dos acontecimentos do dia, sem a menor parcialidade nas apreciações dos factos. E assim se conservou sempre, tirando d'essa mesma imparcialidade a sua força, e conseguindo a estima e a sympathia geral do publico. Foi ainda sob a influencia e direcção que a parte litteraria do *Diario de Noticias* conseguiu por vezes ter uma collaboração primorosa, conservando Julio Cesar Machado como seu folhetinista semanal, e publicando em tempos o *Mysterio da esirada de Cintra*, de Eça de Queiroz e de Ramalho Ortigão. A preferencia do folhetinista, cujas chronicas são um verdadeiro encanto litterario, e a escolha dos dois romancistas attestam bem o fino criterio com que Eduardo Coelho dirigia o seu jornal. O *Diario de Noticias* foi a grande obra de Eduardo Coelho. O seu nome ha-de ficar, como raro exemplar de actividade, na memoria dos que se dedicam aos labores ingratos da imprensa, e como modelo de dedicação e de bondade no coração dos que trabalharam ao seu lado, e n'elle encontraram sempre um conselheiro previdente e um amigo extremoso e desinteressado. Coimbra, terra em que Eduardo Coelho nasceu, tambem chorará a perda d'esse filho, que tanto amor lhe consagrou, e para cujos melhoramentos tantas vezes contribuiu a sua influencia.

A imprensa portugueza tem a lamentar sinceramente a perda d'um dos collegas que mais a ennobreceu e honrou, pelo prestimo do seu talento, pela dedicação da sua actividade e pela lealdade do seu caracter.

Compartilhando a dôr que n'este momento affligе sua extremosa familia e os seus collegas, aqui consignamos o sentimento dos nossos pesames.

Eduardo Coelho nasceu em Coimbra a 28 de abril de 1835. Veio para Lisboa muito novo ainda, dedicando-se então ao commercio. Passou depois a aprender a arte typographica e foi talvez d'essa intimidade de officina do jornal que brotou n'elle o jornalista.

Aos dezenove annos escrevia no *Jardim Litterario*, publicação ephemera de que hoje não resta memoria. Aos vinte começou a trabalhar para o theatro, fazendo representar dramas e comedias, que ainda hoje são exhumadas com exito do reportorio de então.

Correspondente de alguns jornaes da provincia, entre os quaes o *Nacional*, do Porto, redactor da *Chronica dos Theatros*, collaborador da *Revolução de Setembro* e do *Conservador*, Eduardo Coelho fundou em 1865 o *Diario de Noticias*, e de então até hoje aquelle jornal foi a sua unica e exclusiva preoccupação.

Eduardo Coelho foi um collega lealissimo, cujo concurso nunca faltou ás manifestações de solidariedade jornalistica. O seu nome figurou á testa dos promotores do g ande festival organisado pela imprensa de Lisboa em homenagem a Camões, e ainda partiu d'elle a iniciativa da fundação da Sociedade de Jornalistas e Homens de Lettras, que se installou por essa occasião. Segundo o dicionario de Innocencio Francisco da Silva, Eduardo Coelho deixou os seguintes trabalhos litterarios:

A vida d'um principe, estudo romantico, 1859; *Amor e amizade*, comedia n'um acto; *Tribulações d'um poeta*, idem; *Comedia na rua*, idem; *Namorado exemplar*, idem; *A castellã*, idem; *A sombra de 1859*, idem; *Segredo da cortezã*, idem, traducção; *Vingança d'um beijo*, idem, traducção; *O prestidigitador*, drama em 5 actos, traducção; *Primeiros versos*, 1861; *Amor conjugal*, comedia n'um acto, 1863; *Opressão e liberdade*, drama em 2 actos e 3 quadros; *Passeios na provincia*, 1873; *Passeios no estrangeiro*, 1879.

Nos brindes annuaes do *Diario de Noticias*; *Pero Esteves*, no primeiro; *As columnas da rua Nova*, no terceiro; *Episodios da emigração polaca*, no setimo; *A condessa do Carregal*, no nono; *Lenda das ruinas*, no decimo; *Meu pae*, no decimo primeiro; *Esiella*, no decimo terceiro; *O casamento da rainha de Inglaterra com o reino de Portugal*, no decimo quinto; *Scenas do drama moderno, e uma toirada no seculo XVII*, no decimo sexto; *Noticias velhas*, no decimo setimo; *Realidades funestas*, no decimo oitavo; *Como sahiste visconde*, no decimo nono; *Portugal captivo*, dedicado á commissão central 1.° de de Dezembro.

Eduardo Coelho, presentindo um fim mais ou menos proximo, fez testamento no qual legou a terça parte dos seus bens á sua viuva.

O cadaver de Eduardo Coelho foi ás 11 horas da manhã levado n'um coche de sua casa na rua dos Cardaes de Jesus para a egreja das Mercês, onde ficou depositado até ao meio dia.

O cadaver foi acompanhado por todos os redactores e empregados do *Diario de Noticias*, uma deputação da associação typographica e alguns amigos intimos do finado.

A' noite foi soldado o caixão, assistindo a este acto a redacção do *Diario de Noticias*.

No enterro, que saiu no dia immediato, depois de resada uma missa de corpo presente, á 1 hora da tarde na egreja das Mercês, iam todos os convidados a pé.

Durante o dia e a noite ficaram velando o cadaver os redactores do *Diario de Noticias* e alguns amigos do finado.

APOSENTAÇÃO DOS PAROCHOS

O actual governo tem a melhor vontade de considerar os parochos como empregados publicos, garantindo-lhes, como taes, um futuro mais prospero. Nada mais justo, e em abono da verdade, não é sem tempo que os poderes publicos tomem em consideração uma classe respeitavel, numerosa e altamente prestimosa, que ha sido esquecida por todos os governos d'esta terra. Seja bem vinda a proposta que cremos ser bem recebida por todos, sem exceptuar os adversarios do actual gabinete, e será para o partido progressista uma grande gloria se a converter em lei do paiz.

Posto isto, pedimos licença para fazer algumas reflexões ao ex.mo ministro.

Não vimos a proposta, mas se ella é redigida nos termos em que alguns correspondentes de diversos jornaes a tem publicado, podimos a s. ex.ª que desista de apresental-a, para não aggravar mais a posição d'esta infeliz classe.

Diz-se que o parocho que contar 75 annos de edade será aposentado. Setenta e cinco annos!! Então aposentam-o para a eternidade? Se algum chegar aos 75, que gosará elle da aposentação? Isto não póde ser.

Diz-se ainda que o parocho que tiver 60 annos e 30 de serviço, póde ser aposentado, requerendo-o, e mostrando-se inhabil; mas o parocho que tiver 30 annos de serviço, tem os taes 75 de edade, isto em regra geral, por que, segundo as disposições de direito, nenhum póde ascender ao sacerdocio sem ter 25; em regra, não é logo feito parocho; passa alguns annos na pratica do seu ministerio, ou como simples presbytero, ou como coadjutor. E' o seu noviciado em que tem de dar prova da sua aptidão e dispôr, por os seus bons serviços, o seu superior a informal-o no concurso. De sorte que só depois dos 30 é que será parocho, e isto no caso mais feliz, porque a maioria entra no parochiado mais tarde. Portanto, ou o parocho não chega a aposentar-se, ou, se chega, nada ou quasi nada gosa esse beneficio.

Todos os empregados do estado são aposentados com 60 annos de edade e 30 de serviço, quer possam trabalhar quer não, e nenhuma razão ha para que se exija ao parocho, com a mesma edade e serviços, a ceremonia de provar que está incapaz ou mais 15 annos que os empregados publicos.

Não agrada á classe e nem a nós a base do projecto. O parocho que tiver 55 annos e 25 de serviço, deve gosar a aposentação, requerendo-a, sem ser mister provar que está incapaz: se tiver 55 de edade e menos de 25 de serviço, e mostrar que está incapaz, seja aposentado com o ordenado proporcional.

Tal é a nossa opinião e vamos dar a razão do nosso pensamento.

As circumstancias do parochiado são muito diversas das dos empregados publicos, pois que:—1.°, estes podem ser providos de menor edade, e o parocho só o póde ser, em regra, depois dos 30; 2.°, o empregado publico tem horas certas e determinadas para o seu serviço, findas as quaes, póde dispôr de si e empregar em trabalhos lucrativos as horas restantes, os dias de gala, os sanctificados, as férias, etc., e o parocho não tem nada d'isto: está sujeito ao serviço todos os instantes da sua vida; não conhece dia nem noute; arrosta a toda a hora com a intemperie das estações, e é por isso que arruina a sua saude muito cedo. Conhecemos parochos de 45 annos completamente impossibilitados; e se o seu ministerio é excepcional, é muito justo que, para o parochiado, se abra excepção na lei das aposentações, designando-lhe menos edade e menos tempo de serviço que aos empregados das repartições do estado.

Outro ponto do nosso reparo é a base que se diz regular para pagamento de suas quotas. Diz-se que, verificada a aposentação, se lhe pagará a congrua arbitrada. Mas qual congrua? A da lotação official? Se é esta, pedimos ainda ao governo que desista do projecto, para não collocar os parochos em peores circumstancias. O sr. ministro deve saber que a lotação official das egrejas é, em geral, uma mentira. Sabemos de muitas lotadas em 180$, 200$000 e 300$000 reis, que rendem 700$000, 800$000 e 1:200$000 reis. Sabemos de muitas de muito poucos fogos e sem distancias, que rendem o triplo de outras que teem o quadruplo de fogos e distancias importantes. A primeira necessidade é acabar com estas anomalias. Pague-se a cada um em proporção do seu trabalho, e o que está recebendo de mais, reduza-se á justa proporção, e converta-se o excesso em fundo geral para os que trabalham mais e estão ahi arrostando com vexações. Portanto, o primeiro passo a dar era classificar as egrejas e fixar as congruas em harmonia com o numero de fogos, população, distancias, etc.

Nomeiem-se commissões que informem o gabinete, que tudo se faz em poucas semanas; e só depois d'isto é que se póde fazer o projecto sem os absurdos que se diz conter o elaborado e que, com razão, tem sobresaltado a classe parochial.

E' praxe que data já d'annos, lotar as egrejas que são providas de parocho para o effeito do agraciado pagar os direitos de mercê, e é altamente injusto que para este effeito se faça nova lotação, e para o effeito da aposentação se conforme o governo com a antiga.

Ahi fica a nossa opinião sobre este importante assumpto, que desejamos seja bem estudado e discutido na tribuna e na imprensa, á qual pedimos o esclareça. Não cremos no melhoramento da nossa classe, não tanto por falta de boa vontade da parte do governo, que sabemos ter em consideração a nossa miseria actual e o nosso triste futuro, mas por os embaraços que os prelados hão de crear-lhe. Esperemos, e o tempo nos desenganará.

Abril—1889.

Um parocho do antigo bispado d'Aveiro.

CARTA DE LISBOA

16 DE MAIO DE 1889.

O sr. deputado Oliveira Mattos dirigiu á imprensa d'aqui a seguinte carta:

Sr. redactor do Reporter.—Peço a v. o favor de publicar no seu jornal a carta inclusa, que me foi dirigida pelos srs. José Maria d'Alpoim de Cerqueira Borges de Cabral e Marianno Prezado.—S. c.—14—5—89.—De v. etc.—*José Maria de Oliveira Mattos.*

—

Ex.mo sr.—Consoante ao pedido de v. ex.ª, procuramos o sr. Pedro Victor da Costa Sequeira, redactor da *Gazeta de Portugal* e, n'este jornal encarregado da secção *Boletim Parlamentar*, afim de lhe perguntar se nas palavras com que se commentava o discurso por v. ex.ª pronunciado na sessão da camara dos deputados, de 13 do corrente, havia qualquer intenção, ou proposito de aggravo, pessoal, directo, injurioso a v. ex.ª.

Pelo sr. Pedro Victor da Costa Sequeira foi-nos dito que não tivera essa intenção; que simplesmente apreciara o discurso de v. ex.ª, e que não tivera intuito injurioso.

Feita esta declaração, entendendo nós que a resposta do sr. Pedro Victor é honrosa para v. ex.ª, parece-nos que v. ex.ª deve ficar plenamente satisfeito, e nós julgamos finda a nossa missão.—14—maio—89.—De v. ex.ª amigos e obrigados. — *Marianno Prezado.—José Maria d'Alpoim de Cerqueira Borges Cabral.*

— Disse-lhe na minha ultima, que o sr. cardeal patriarcha de Lisboa não tinha ainda chegado a Roma. Hoje posso dar-lhe mais alguns esclarecimentos. Sua eminencia resolveu fazer a viagem com demora em alguns pontos intermedios, porque da outra vez que foi a Roma não descançou no caminho e chegou á cidade eterna muito incommodado. O sr. patriarcha saiu do reino pela linha da Beira Alta e fez o seu primeiro descanço em uma cidade hespanhola. Hospedou-se em um collegio de padres irlandezes, guardando o mais rigoroso incognito. Quando o prelado portuguez saiu de coche, a carruagem tombou e o sr. patriarcha fracturou o braço esquerdo. Conduzido logo ao collegio dos padres irlandezes, foram chamados medicos operadores. O sr. patriarcha soffreu durante oito dias dôres horrorosas. A sua vida chegou a estar em perigo. Receiava-se que sobreviesse a gangrena. Felizmente o estado do illustre enfermo foi-se modificando de maneira que sua eminencia vae em convalescença e regressa a Lisboa em poucos dias. Comprehende-se que a viagem a Roma se addiou para outra epoca. Na cidade hespanhola, em que o sr. patriarcha soffreu o desastre, é ainda completamente desconhecida a estada de sua eminencia. Elle passa alli por um simples e modesto sacerdote estrangeiro.

— O imperador Guilherme recebeu ha dias a deputação dos grévistas de Westphalia, e respondeu ás reclamações d'elles «que se interessa vivamente pela situação dos mineiros, mas recommenda aos operarios que se devem abster de toda a convivencia com o socialismo, porque será fuzilado o auctor da menor desordem contra a auctoridade.» A entrevista durou dez minutos. A resposta é significativa. Se applicassem aos grévistas do Porto a mesma pena, a vontade de fazer desordens e de comprometter a ordem publica desappareceria logo.

— No ministerio da fazenda realisou-se a abertura das propostas para a adjudicação do papel para sellar. Foram concorrentes as fabricas da Louzã, do Prado e da Ponte de Cavalleiros. A proposta mais vantajosa foi a da companhia Prado.

— Partiu já para a Serra de Estrella o sr. Guilherme Telles de Menezes para tratar do lançamento da pedra fundamental para a primeira das casas destinadas aos tuberculosos que vão ser edificadas pelo Club Herminio; a qual se destina especialmente a mulheres e creanças pobres. Parece que a festa da fundação será no dia 18 do corrente com a assistencia da camara municipal de Manteigas, auctoridades ecclesiasticas e administrativas. Fica assim satisfeita uma grande necessidade hygienica.

— Corre mal a administração do Jardim Zoologico. O genero animal—os pobres habitantes d'aquelle importante centro não são devidamente alimentados. Sobre o facto, que é deveras lamentavel, publica hoje um jornal d'aqui, e com razão, a seguinte queixa:

«Estivemos no domingo no esplendido parque de S. Sebastião da Pedreira, onde se acha installado o jardim zoologico de acclimação, e o que vimos e observámos de tal fórma nos impressionou que não só chamámos a attenção de um illustrado collega nosso que nos acompanhava, como desde logo resolvemos pedir por este meio providencias a quem competir sobre o estado deploravel em que se encontra aquelle estabelecimento, que por todos os motivos podia no nosso paiz ser um dos mais notaveis e bem ordenados da Europa. Expliquêmo-nos: As jaulas dos macacos encontram-se n'um indecente estado de ruina, faltas de pintura, furadas por dentro, as redes deterioradas, e alguns exemplares feridos gravemente, expondo ao publico os seus aleijões ensanguentados. A fome é manifesta em quasi toda a desventurada bicharia, que para ter semelhante sorte mais valia que a deixassem estar no sertão onde, ao menos, não lhes faltariam bananas e cocos para encherem a pança. Os gatos encontram-se murrinhentos, todos feridos e faltos de pello, accusando uma incuria absoluta. Onde porém este desleixo reprehensivel se manifesta d'uma fórma que compunge e repugna é nos exemplares caninos. Só vendo se póde fazer idéa do estado em que se encontram aquelles nobres e sympathicos animaes. Todos estão cobertos de carraças, n'alguns as orelhas desapparecem sob cachos d'estes parasitas, gottejando sangue e fazendo soffrer os animaes, que se encontram tristes e hervosos escorrendo-lhes da bocca gommosos fios de baba. Outros estão sarnentos, com o corpo coberto de chagas, exhibindo um aspecto asqueroso e doloroso, que impressiona profundamente, arrancando commentarios acerbos aos visitantes do jardim, que não esperavam assistir áquellas scenas repugnantes.

Francamente, não podemos deixar de lamentar a incuria com que a direcção d'aquelle estabelecimento trata dos animaes confiados a seu cargo.

Concordamos que o rendimento do jardim é modestissimo e insufficiente para o collocar á altura que devia ter no nosso paiz, occupando-se por demais um local, que talvez para fim identico não haja segundo na Europa.

O que não podemos desculpar é a exhibição asquerosa de animaes doentes e feridos, para os quaes devia haver um local reservado para seu tratamento e longe das vistas do publico.

A nossa indole é em geral compassiva e sympathica para com os animaes, tanto por parte das creanças como pela dos adultos, e n'estes termos ninguem póde ver com bons olhos o estado inspirante de compaixão dos pobres animaes, que bem lhes basta já para seu martyrio o estado asqueroso das suas gaiolas, sem condições algumas de commodidade e limpeza.

Não nos move nenhuma má vontade contra a direcção d'aquelle estabelecimento, mas a nossa consciencia e principios humanitarios e piedosos obrigam-n'os a soltar este brado a favor dos pobres animaes, tão mal tratados, e para melhoria dos quaes bastava apenas um boccado de zello e attenção pelos deveres que lhes competem para isso; o publico paga e um preço relativamente elevado.»

— Telegrammas de Lourenço Marques annunciam que a camara municipal, em sessão extraordinaria, a pedido do corpo commercial, se reunira para protestar contra a possibilidade da prorogação do praso para a construcção do caminho de ferro, que os habitantes se iam reunir para o mesmo fim, e que varios telegrammas haviam sido dirigidos ao governo instando por que tal prorogação se não désse. Vae-se realisando o que sempre suppuz. Em Lourenço Marques, á proporção que se approxima o dia 24 de junho, em que termina o praso concedido á companhia para concluir a construcção do caminho de ferro, a excitação recresce e todos receiam que uma nova prorogação venha de todo fazer-lhes perder a esperança de ver assegurada a prosperidade d'aquella possessão. Bem ou mal, a opinião publica em Lourenço Marques está convencida de que uma nova prorogação representará a annuencia aos propositos dos que desejam contrariar os interesses d'aquella possessão. Suppõe-se que o Transvaal, convencido de que não póde contar com as promessas cathegoricas do governo portuguez e de que não ha meio de convencer a companhia portugueza a acceitar um accordo rasoavel de tarifas, se decidirá a annuir ás solicitações das colonias do Natal e do Cabo da Boa Esperança e irá ligar-se com os caminhos de ferro d'estas colonias. Os receios da opinião publica em Lourenço Marques são mais do que fundamentados. Sabe-se alli melhor do que em Lisboa como ha annos se trabalha por parte d'aquellas colonias para contrariar o nosso caminho de ferro, como no Transvaal o chamado partido inglez tem successivamente engrossado e ameaça vencer o partido nacional, e por isso tudo quanto pareça ir dar força aos elementos contrarios se affigura como sendo a causa da ruina da nossa colonia. N'esta questão tenho já manifestado a minha opinião, e não vejo rasões que me obriguem a modifical-a. Entendo tambem que qualquer prorogação é altamente inconveniente, e folgo de vêr que as declarações officiaes estão de accôrdo com o meu parecer. Um unico caso admitto que podesse fazer excepção a este proposito. Já aqui o declarei e ainda o sustento. Se as duas companhias, a portugueza e a neerlandeza, chegassem a accôrdo sobre tarifas, se ficasse assim assegurado que brevemente começaria a construcção do caminho de ferro para *além da fronteira, não haveria então* nenhum perigo em fazer a prorogação pelo tempo necessario para que a nossa linha ficasse concluida. Mas, sem que o accôrdo das tarifas esteja realisado, continuando como ha muitos mezes a perder-se o tempo em negociações que não chegam nunca a um resultado, porque, quando tudo parece concluido, surge logo uma nova difficuldade, entendo que uma nova prorogação podia trazer serias consequencias, que já se vão annunciando nos protestos energicos que nos vão chegando de Lourenço Marques.

— A camara municipal de Villa Nova de Foscôa foi auctorisada a converter em escola mixta a escola elementar da freguezia de Touça.

— Nas feiras do Alemtejo baixou consideravelmente o preço do gado bovino.

— Um principe russo que está na Madeira mandou fretar o vapor *Açôr*, para o trazer a Lisboa e á sua comitiva, que se compõe de 20 pessoas, familia e creados. O vapor, que para este serviço especial custa 2:700$000 reis, deve partir no dia 20 para o Funchal, regressando antes do fim do mez.

Y.

CARTA DE FOZCOA

16 DE MAIO DE 1889.

A CREAÇÃO DA CADEIRA

Por portaria de 8 do corrente foi creada n'esta villa a cadeira de ensino elementar e complementar, tão urgentemente reclamada pela camara municipal, como um melhoramento indispensavel para o desenvolvimento e prosperidade da instrucção publica n'esta villa. Ha quem considere perigoso o ensino e a instrucção nas classes inferiores da sociedade, nos operarios, nos trabalhadores, no povo emfim. Nós somos de opinião inteiramente contraria, e estamos profundamente convencidos de que o perigo não está no povo instruido, mas sim no ignorante. Assim o demonstra a nossa historia desde 1820. O aperfeiçoamento da razão humana conduz ao refreamento das paixões, e estas são mais temiveis em espiritos incultos do que n'aquelles em que a educação penetrou. Uma insurreição feita por pessôas sérias e instruidas seria impraticavel. Em regra geral, a instrucção é a mãe da prudencia; o selvagem é imprudente e imprevidente porque é ignorante; a previdencia e a reflexão seguem necessariamente nas nações, assim como nos individuos, o progresso da civilisação e da instrucção. O trabalhador e o operario que estudarem os elementos das sciencias moraes e naturaes hão de reflectir sobre a sua situação e da sua familia; concentrando as suas ideias, necessariamente hão de pensar que o bom procedimento e a sobriedade são as garantias mais solidas da sua felicidade, e que o seu primeiro dever como maridos e paes é o de segurar emquanto moços e robustos áquelles gozos e recursos que lhes hão de ser precisos quando forem velhos e enfermos. Um povo instruido ha de conhecer mais depressa do que o ignorante que o seu interesse consiste na paz e ordem publica; a instrucção lhe ha de fazer conhecer mais, que a inviolabilidade das propriedades é um seguro esteio da sociedade, e que atacar á força bruta as classes ricas, a auctoridade e as medidas do governo é uma monstruosa injustiça, uma indignidade. Assim, pois, o que nos parece util, o que nos parece necessario e indispensavel é o proporcionar ao povo uma instrucção solida fundada na sciencia e na religião.

Para este fim, para que a Camara veja de vez arrestados os seus desejos summamente louvaveis, é mister que seja demasiadamente escrupulosa na escolha do professor para a regencia da cadeira e que esta comprehenda tambem alguns rudimentos de portuguez, francez e latim. Para qualquer homem se dizer e chamar mestre de instrucção primaria, não bastam os conhecimentos que se chamam instrumentaes, como são os da grammatica, da arithmetica, etc. Não; o homem em quem a sociedade depositou tantas prerogativas, não é, nem tem direito de ser um homem vulgar. O seu ministerio é moral; missão de grave responsabilidade, o seu encargo; exerce uma funcção social, e o estado considera-o como um empregado civil, de quem espera cooperação efficaz no negocio dos negocios, qual é o de encaminhar o povo para a felicidade. Além d'isto, dando ao ensino primario, como ultimamente se tem feito, caracter pratico, o menino entre dez ou doze annos falla e escreve com bastante correcção a sua lingua; saborear-se-ha em leituras serias e instructivas; saberá resolver com promptidão os calculos da contabilidade caseira; terá ideias sás de moralidade e religião; conhecerá a vulto as operações industriaes que se empregam na obtenção das materias primas, e quererá saber como os mineraes se fundem em ferro, e se faz do ferro aço. Assim se irá preparando para os estudos *theoricos*. E, como, outro sim, terá conhecimentos bastantes da lingua materna, poderá por comparação e analogia aprender com gosto e fructo linguas extranhas, coordenando todas aquellas materias sobre base já solida. Alumnos assim guiados, aos 12 annos, sentir-se-hão bastante desenvolvidos; e os que se destinam a seguir carreiras escolares não sentirão ao deante repugnar-emlhes as *theorias*, cuja utilidade não percebem, se não vão já preparados por estudos *praticos*.

Eis aqui as vantagens que resultam da creação da cadeira em questão. E se ella agora está creada, se é mister pôr-se a concurso por espaço de *trinta dias, faça-o a camara sem demora*; arrende a casa para a escóla e professor; organise o material indispensavel para o desempenho do serviço escolar e varias minuciosidades inherentes a uma escóla bem organisada. Depois de tudo isto, convêm que a camara observe as causas do abatimento em que tem vivido este importante ramo de administração publica.

O sr. Alberto Antonio Carrapatoso, filho do nosso presado amigo José Ignacio Carrapatoso, dignissimo administrador do concelho, diz-nos a este respeito o seguinte no *Correio da Pesqueira*. «Se tractarmos de syndicar as causas do abatimento, em que tem vivido este importante ramo da administração publica, conheceremos serem as principaes: a má organisação do ensino; a falta de inspecção constante, sempre inesperada e sempre presente; a miserrima remuneração do professorado, por cujo motivo se desviam da carreira do magisterio muitas capacidades litterarias e pedagogicas; a tolerancia de professores pouco habilitados e inaptos para a instrucção e educação da juventude; a pessima organisação material das escólas; a falta sensivel da educação physica nas escholas primarias; a carencia de unidade nos methodos de ensino, e varias minuciosidades inherentes a uma escola bem organisada e bem montada; e, sobre todas estas faltas e defeitos, a actual administração do ensino, centralisado e enfesado pelos escrupulos da *burocracia*

official». Das causas apontadas pelo illustre collega, que gostosamente registâmos, deprehende-se que algumas pertencem á camara e outras ao sub-inspector da circumscripção escolar.

A estas duas entidades officiaes, compete, pois, evitar que se repitam e succedam as causas apontadas. Terminando, felicitâmos a camara por ter introduzido n'esta villa um melhoramento que ha tanto tempo ambicionava.

— O correspondente da *Gazeta de Portugal* ainda não continuou, depois da nossa resposta, com as suas amabilidades á camara.

— Lavra grande contentamento nos arraiaes progressistas pelo modo energico como o governo e o seu delegado teem sabido manter-se a respeito das arruaças dos commerciantes de vinhos do Porto.

— Chega no dia 18 do corrente o novo juiz de direito Platão Jemmi Lorai do Amaral Guerra.

Correspondente.

SECÇÃO PARLAMENTAR

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 13 de maio

Presidencia do sr. Barros e Sá. Abertura da sessão ás 2 horas da tarde. Acta approvada.

O sr. Hintze Ribeiro requisitou a remessa de varios documentos relativos ao pagamento das dividas dos tabacos.

O sr. Barbosa du Bocage pediu alguns esclarecimentos ácerca da questão da pesca com redes de arrastar.

Os srs. Vaz Preto e ministro das obras publicas trocaram varias explicações sobre as obras do porto de Lisboa.

O sr. Carlos Testa chamou a attenção do governo para o mesmo assumpto.

O sr. Thomaz Ribeiro referiu-se á necessidade de se proceder aos trabalhos do ramal de Vizeu.

O sr. Coelho de Carvalho referiu-se á maneira como estão sendo construidas as estradas marginaes do caminho de ferro do Algarve.

ORDEM DO DIA

Discussão sobre o contracto da Companhia Vinicola do Norte

O sr. Adriano Machado disse que a Companhia vinicola do Norte satisfaz as necessidades da agricultura e os desejos dos lavradores, sem offender a liberdade do commercio. Sustentou que não é o commercio do Porto que resiste contra o contracto mas sim meia duzia de negociantes, na sua maioria estrangeiros. Disse que só protestam contra a Companhia aquelles que não tem horror à fabricação. Que os lavradores, no interesse do credito agricola, não querem que a Companhia lucre com os seus vinhos mas sim que os seus vinhos lucrem com a Companhia. Apresentou e sustentou uma moção de confiança ao governo.

O sr. Hintze Ribeiro historiou a formação da Companhia. Sustentou que o certificado representa a marca de procedencia. Disse que o governo, não esperando a resistencia dos commerciantes embaraçados com o contracto, já tem feito varias concessões qua o restringem. Protestou contra o facto do sr. presidente do conselho ter dito que se o parlamento recusasse o subsidio o Companhia podia recorrer ao poder judicial. Notou as contradicções do governo relativamente á fiscalisação do certificado de procedencia. Disse que o contracto deve ser annullado por illegal.

—

Sessão de 14 de maio

Presidencia do sr. Barros e Sá. Abertura da sessão ás 2 horas da tarde. Acta approvada.

A sr. Antonio Maria de Senna pediu que no censo da população, a que se vai proceder no anno proximo, se apure o numero dos nacionaes e estrangeiros.

ORDEM DO DIA

Continuação do incidente sobre o contracto de 15 de março

O sr. Antonio de Serpa ractificou uma sua asserção posta em duvida pelo sr. presidente do conselho, o qual lhe dirigiu varias considerações em resposta.

O sr. conde do Bomfim manifestou-se adverso ao contracto.

O sr. D. Miguel Coutinho requereu a prorogação da sessão até se concluir o debate. Foi approvado.

O sr. Hintze Ribeiro pediu ao sr. presidente do conselho que informe a camara se são certos os telegrammas sobre a alteração da ordem publica no Porto e se o governo está ou não resolvido a alterar o contracto de 15 de março. O sr. presidente do conselho leu um telegramma do governador civil do Porto narrando o occorrido, e concluiu por dizer que ha socego completo na cidade. Quanto á segunda pergunta, disse que não tem senão a reiterar as declarações já feitas por elle.

O sr. Hintze Ribeiro fez a critica dos telegrammas das auctoridades do districto do Porto e observou que, emquanto aquella cidade não tiver uma satisfação condigna aos seus interesses offendidos pelo centracto, não terminarão a questão e a *grève*, embora a maioria supponha que, votando a moção de confiança ao governo, tudo terminará.

Foi em seguida approvada, por 60 votos contra 33, a moção de confiança do sr. Adriano Machado, moção que é assim concebida: «A camara, satisfeita com as explicações do governo, passa á ordem do dia».

Entrou depois em discussão a resposta ao discurso da corôa.

O sr. Antonio de Serpa declarou em nome dos seus amigos politicos que votava a resposta ao discurso sem lhe dar significação politica, mas unicamente como um cumprimento ao chefe da Estado.

O sr. Thomaz Ribeiro fez a mesma declaração, apresentando, porém, a seguinte emenda ao projecto de resposta:

«A camara sente dizer que as manifestações de riqueza publica não são lisongeiras actualmente em Portugal e que a industria e a agricultura, que estão atravessando uma conjunctura angustiosa por causas geraes e especiaes mais ou menos sabidas, estão n'este momento urgentemente solicitando dos poderes publicos mais do que desvelada attenção: excepcionaes e instantes providencias».

O sr. Barjona de Freitas disse que votava como homenagem á corôa o projecto, mas que, visto apresentar-se uma proposta de emenda que está nas ideias do seu partido, não póde tambem deixar de a votar.

O sr. Henrique de Macedo, relactor, declarou que não acceitava a emenda.

Foi approvado um requerimento do sr. Pereira Dias para que continuasse a discussão até ser votado o projecto.

Usaram ainda da palavra sobre a emenda do sr. Thomaz Ribeiro o proponente e os srs. Henrique de Macedo, presidente do concelho e visconde de Moreira de Rei.

O sr. Hintze Ribeiro requereu votação nominal sobre a emenda.

A resposta ao discurso foi depois approvada. A emenda foi regeitada por 34 votos contra 28.

—

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 13 de maio

Presidencia do sr. Coelho e Campos. Abriu-se a sessão às 3 horas da tarde. Acta approvada.

O sr. Francisco José Machado mandou para a meza uma proposta auctorisando o governo a proceder às obras necessarias no forte de S. João da Foz, afim de ahi ser installado o presidio e o tribunal militar. Pelo projecto é applicado ás despezas a fazer com aquellas obras o capital já destinado á construcção da casa de reclusão militar e o capital correspondente á quantia que actualmente se paga pela renda de casa destinada ao tribunal.

O sr. Franco Castello Branco apresentou um projecto de lei para que o asylo de Santa Estephania, em Guimarães, seja dispensado de pagar a contribuição de registro de um legado de 5:000$000 que tem de receber.

O sr. Ferreira de Almeida tratou novamente da necessidade da reducção das tarifas do caminho de ferro para passagem das praças de armada e do exercito. Estranhou que o sr. Ressano Garcia não tenha apresentado ao parlamento proposta alguma referente á pasta que administra. Terminou pedindo explicações sobre os acontecimentos da bahia de Tungue.

O sr. ministro da marinha respondeu que, como já dissera, tratava de conseguir a reducção de tarifas para as praças de pret do exercito e da armada. Declarou poder assegurar que o governo não tem recebido participação alguma que dê como grave a situação de Tungue, e disse estar convencido de que as forças portuguezas que alli se encontram podorão sustentar o nosso dominio n'aquella possessão. Disse que não tinha noticia official do apparecimento de Semeão de Oliveira, a que se referia o sr. Ferreira de Almeida, mas que o explorador Serpa Pinto dissera em telegramma que corria em Lourenço Marques que aquella noticia era verdadeira. Declarou que apresentará brevemente a reforma naval.

O sr. Abreu e Souza apresentou uma representação da camara municipal de Mirandella pedindo para poder retirar a quantia de 3:200$000 réis, do cofre da nação, para despezas geraes d'aquella camara.

O sr. João Arroyo occupou-se dos acontecimentos do Porto. Notou as contradicções existentes entre as declarações dos srs. presidente do conselho e ministro da fazenda. Disse que o primeiro declarára que os commerciantes incorreram n'um delicto previsto pelo codigo penal e que o segundo dissera que os commerciantes procederam no seu pleno direito. Disse que a obstinação do governo em não ceder tem sido prejudicial ao Estado, pois que ha barcaças arrendadas por 100 libras por mez e que a verba d'essa despeza já chegou a 19:000 libras mensaes. Sustentou que a *grève* se accentua cada vez mais e que o comicio de hontem nos Carvalhos provou á evidencia que os operarios estão ao lado dos patrões. Aconselhou o governo a tractar de resolver a questão, não com decretos como o publicado ultimamente no *Diario do Governo* pois que o que os commerciantes querem é a abolição da marca official.

1.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

Discussão do projecto de lei auctorisando o emprestimo para a construcção e reforma dos quarteis

O sr. Dantas Baracho continuou o seu discurso, fallando largamente. Combateu a fórma como se diz que serão feitas as obras e disse julgar ver no projecto uma arma eleitoral.

O sr. Fernando Mattoso apresentou, por parte da commissão de commercio, o projecto regulando o trabalho dos menores e das mulheres nas fabricas.

O sr. ministro da fazenda apresentou uma proposta diminuindo os direitos sobre certos productos considerados materia prima pela industria de chapelleria.

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

Continuação da interpellação sobre o pagamento da divida aos caixas de tabaco

O sr. José Novaes demorou a discussão sobre o pagamento da divida. Lembrou os factos que motivaram o adiamento das côrtes. Rejeitou a affirmativa do sr. Luciano de Castro de que o governo tem a confiança do paiz, da maioria e da corôa, fallando energicamente n'este sentido.

Respondeu-lhe o sr. Oliveira Mattos, que discursou humoristicamente conservando a camara em constante hilariedade. Sustentou que a questão estava morta e que, portanto, o melhor era a opposição abandonal-a.

Fallou depois o sr. Consiglieri Pedroso, que apresentou e defendeu uma moção de ordem, dizendo que o pagamento da divida dos tabacos era um triste symptoma da decadencia dos nossos costumes.

—

Sessão de 14 de maio

Presidencia do sr. Coelho e Campos. Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde. Acta approvada.

O sr. Augusto Fuschini pediu que o governo tracte de evitar que os poucos objectos de arté que nos restam saiam do reino. Apresentou uma nota de interpellação aos srs. ministro do reino e obras publicas sobre o contrato de 29 de outubro entre o governo e a Companhia das Aguas.

Como não estivesse presente o sr. ministro do reino, os srs. Arroyo, Frederico Arouca e Manuel da Assumpção pediram ao sr. presidente que lhes désse a palavra logo que elle chegasse, que queriam tractar dos recentes acontecimentos do Porto.

O sr. José de Azevedo Castello Branco perguntou se o governo tencionava apresentar propostas de lei, isentando de contribuições os officiaes do exercito e equiparando os soldos dos officiaes do ultramar aos dos officiaes do continente.

O sr. ministro da guerra disse que estudaria o primeiro assumpto e, quanto ao segundo, o seu collega da marinha apresentaria brevemente a proposta.

1.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

Discussão do projecto de lei auctorisando o emprestimo para a construcção e reforma dos quarteis

Fallon largamente o sr. Francisco José Machado em resposta á argumentação do sr. Dantas Baracho. Ficou com a palavra reservada.

2.ª PARTE DA ORDEM DO DIA

Continuação da interpellação sobre o pagamento da divida aos caixas de tabaco

O sr. Alfredo Cesar Brandão defendeu o procedimento do governo, dando a questão por discutida.

O sr. Augusto Fuschini propoz que se procedesse a um inquerito sobre a maneira como foi feito o pagamento.

Tendo-se esgotado a inscripção, procedeu-se á votação.

Os srs. Marianno de Carvalho e Emygdio Navarro retiraram as suas propostas.

O sr. José de Azevedo requereu votação nominal sobre a proposta do sr. Lopo Vaz. O requerimento foi approvado, sendo a proposta rejeitada por 96 votos contra 40.

As propostas dos srs. Franco Castello Branco, Pinheiro Chagas e Arroyo foram rejeitadas.

Leu-se a moção de confiança do sr. Laranjo.

O sr. Montenegro requereu votação nominal. Foi approvado. A moção foi approvada por 97 votos contra 40.

Leu-se depois a proposta do sr. Fuschini, o qual, fallando sobre o modo de propor, disse que a sua proposta não tinha alcance politico. Requereu votação nominal. Foi approvado.

A proposta foi rejeitada por 95 votos contra 40.

Em seguida foi suspensa a sessão por não estar presente o sr. ministro do reino, o qual chegou um quarto de hora depois, sendo a sessão reaberta.

O sr. Lopo Vaz pediu informações sobre os acontecimentos do Porto.

O sr. Luciano de Castro respondeu, lendo telegrammas dos srs. governador civil e director das obras publicas, dizendo que a ordem é completa.

O sr. Lopo Vaz contestou a veracidade dos telegrammas, dizendo que é necessario pôr-se termo á *grève*.

O sr. presidente do conselho disse que tem conseguido fazer manter a ordem e dar de comer aos trabalhadores despedidos dos armazens. Declarou que se não dobraria perante os caprichos de ninguem. Quando terminou, ouviram-se vozes na direita, gritando: «Deu a hora! Deu a hora!»

Os srs. Frederico Arouca, João Arroyo e Manuel da Assumpção protestaram, gritando que tinham a palavra.

Levantou-se grande tumulto. O sr. presidente encerrou então a sessão. Eram 6 horas e meia.

—

Sessão de 15 de maio

Presidencia do sr. Coelho e Campos. Abriu-se a sessão ás 2 1/2 horas da tarde. Acta approvada.

O sr. secretario leu na mesa a representação enviada ao sr. presidente da camara pela mesa do comicio realisado no ultimo domingo nos Carvalhos, em Gaia, representação que pede a solução da crise do commercio de e de outras classes. A camara resolveu que a representação fosse mandada publicar no *Diario do Governo*.

Incidente

Levantou-se um incidente sobre os factos que se deram na sessão de hontem, ao encerrar-se a sessão.

O sr. João Arroio lamentou que a sessão não tivesse sido prorogada para elle ter fallado hontem mesmo, assim como os seus collegas da opposição que haviam pedido a palavra. Estranhou que o sr. presidente do conselho não estivesse presente, afim de o interrogar sobre os acontecimentos do Porto.

O sr. Franco Castello Branco tambem tratou do assumpto, requerendo que, se o sr. presidente do conselho podesse vir á camara, a sessão de hoje fosse prorogada até que fallassem os deputados inscriptos. A camara approvou o requerimento.

O sr. Marianno de Carvalho disse que o tumulto que houvera no fim da sessão, é que impedira a presidencia de consultar a camara sobre a prorogação da sessão. Pediu que se fizesse com a maior brevidade possivel a impressão dos documentos que elle pedira sobre a questão do caminho de ferro de Lourenço Marques ao Tranvaal.

Os srs. João Arroio e Francisco Castello Branco tambem pediram, quando uzaram da palavra, que o sr. presidente mandasse chamar o sr. Luciano de Castro.

O sr. Emygdio Navarro tratou de demonstrar que as reclamações da opposição haviam sido infundadas, pois que os oradores inscriptos haviam desistido do uso da palavra a favor do sr. Lopo Vaz, que fallou duas vezes.

O sr. Julio de Vilhena disse que queria realisar a sua interpellação sobre a concessão das minas de Ofir.

O sr. Baptista de Souza mandou para a meza um projecto de lei auctorisando a camara municipal de Villa Pouca de Aguiar a desviar do cofre de viação, para melhoramentos n'aquella villa, a quantia de 3:000$000.

O sr. Jorge O'neil declarou que se assistisse á sessão de hontem teria approvado a moção de confiança ao governo sobre o pagamento da divida dos tabacos.

Incidente sobre os acontecimentos do Porto

Como entrasse na sala o sr. presidente do conselho, a camara resolveu desde logo abrir inscripção de oradores sobre os acontecimentos do Porto, prevalecendo, porém, a inscripção da sessão de hontem com pró e contra.

O sr. João Arroyo explicou o estado da situação da crise. Não admittiu que o sr. presidente do conselho dissésse, como hontem, que se resignava a responder aos deputados da opposição. Narrou o que se passara em Villa Nova de Gaia, dizendo que o povo fora maltractado pela guarda municipal. Extranhou a correspondencia trocada entre o sr. presidente do conselho e o sr. governador civil do Porto relativamente á questão denominada «Mantenha-se». Aquelle senhor perguntára ao sr. governador civil se era verdade o elle ter-se correspondido com el-rei. Este respondera-lhe: Se isso fosse verdade nunca o teria dito! Commentou largamente a pergunta e a resposta, extranhando que o sr. presidente do conselho tivesse posto em duvida o procedimento de el-rei. Repelliu, em nome do commercio do Porto, a accusação de falsificador feita por um membro da camara alta contra aquella classe. Terminou assegurando que o que os commerciantes do Porto querem é a abolição da marca official, nada mais.

Respondeu-lhe o sr. presidente do conselho. Disse que as informações officiaes que tem recebido sobre os acontecimentos do Porto não tem as côres negras das recebidas pelo sr. João Arroyo. Disse que o governo, em vista do que se está passando, nada pode nem deve fazer. Continuará, portanto, a fazer manter a ordem, e bem assim a dar trabalho aos operarios por fórma a garantir-lhes a sua subsistencia, e esperará que a *grève* termine. Declarou igualmente estar resolvido a não abandonar o poder emquanto tiver, como tem, a confiança da corôa, do paiz e da maioria. Não recuará, portanto, perante *gréves*.

O sr. Pinheiro Chagas principiou por levantar a ultima phrase do sr. presidente do conselho. Disse que effectivamente as *grèves* nunca derrubaram governos. Prova isso o facto do sr. Marianno de Carvalho e alguns amigos seus fazerem em tempo uma *grève* contra o sr. Luciano de Castro o qual, apesar d'isso, não cahiu. Affirma que no Porto não tem havido gritos subversivos a não ser que o governo chame assim a vivas a el-rei e á carta. Entende que o governo deve tratar de cohibir as falsificações de vinhos do Porto no estrangeiro em vez de alcunhar de falsificadores os commerciantes honrados da segunda cidade de Portugal.

O sr. Frederico Laranjo tratou em seguida da questão. Defendeu o procedimento do governo lamentando que o commercio de vinhos se deixasse levar por paixões politicas. Accusou a opposição de ter feito perder, com uma tal discussão, tantos dias que podiam ser aproveitados no interesse do paiz.

O sr. ministro das obras publicas leu e mandou para a mesa uma extensa proposta de lei fomentadora da agricultura.

O sr. Manuel da Assumpção respondeu ao sr. Laranjo dizendo que o governo era o unico responsavel pelo tempo que dizem ter-se perdido. Terminou aconselhando o sr. presidente do conselho a que não falle tanto da corôa porque um ministro constitucional só governa em nome do povo.

O sr. pesidente da camara encerrando a sessão, deu para ámanhã trabalhos em commissões e para depois de ámanhã: para a 1.ª parte da ordem do dia, o projecto do emprestimo para quarteis; e para a 2.ª parte o orçamento rectificado.

Eram 6 horas e meia.

SECÇÃO AGRICOLA

A ANALYSE DOS VINHOS NAS ALFANDEGAS FRANCEZAS

E' incontestavel que os viticultores francezes empregam todos os meios para que se não renovem os tratados de commercio em vigor com a Hespanha e Portugal, e desde já se adoptem providencias, que difficultem a entrada dos vinhos provenientes d'estes dois paizes, emquanto não chega o praso da terminação dos mesmos tratados.

A conhecida circular Palain, a que já nos temos referido, e o modo como ella é applicada nas alfandegas francezas, provam bem que a intenção do governo é accudir aos desejos dos viticultores d'aquella nação, defendendo ao mesmo tempo os interesses do seu thesouro.

A dita circular, fingindo manter os direitos dos paizes que estão no regimen dos tratados, não altera, é certo, o maximo da graduação alcoolica, fixados n'esses tratados para a entrada dos vinhos mediante um direito modico quando estes sejam naturaes, isto é, não tenham aguardente addicionada, mas considera fóra d'este regimen qualquer vinho aguardentado, obrigando-o ao pagamento dos direitos de todo o alcool que contiver.

Esta disposição, que tem prejudicado já muito a Hespanha, não teria para nós grande importancia, porque os nossos commerciantes não abusam da aguardentação excessiva, se não fosse o modo como se applica nas alfandegas francezas a doutrina da circular. Estabeleceram os peritos aduaneiros que um vinho, para ser considerado natural, sem aguardente addicionada, ou sem agua, deve, por cada grau d'alcool, conter 2,5 grammas d'extracto secco, e que aquelle que não mantiver esta relação, será taxado por o alcool contido.

Ora este processo é, como se póde vêr, muito defeituoso, porque a relação entre o extracto secco e o alcool, não é constante e egual n'um vinho da mesma freguezia, quanto mais nos vinhos d'um paiz, variando a quantidade do extracto secco com o clima, o terreno e principalmente com os processos de fabricação.

E' facil, portanto, calcular os transtornos que esta medida fiscal póde occasionar aos negociantes, que mandam vinhos portuguezes para França. E, por isso, os srs. Cypriano R. Calleja, Z. J. Maria Macieira, Guilherme Macieira, P. de Magalhães e Dejante & C.ª, conhecidos commerciantes de vinhos em Lisboa, se dirigiram, ha tempo, á Camara do Commercio francez em Portugal, expondo-lhe o motivo da sua reclamação, e pedindo a sua intervenção para que o commercio de vinhos com a França não seja prejudicado pela applicação da circular Palain.

A associação do commercio francez nomeou uma commissão para tractar do assumpto, de que foi relactor Mr. Antoine, que os leitores da *Vinha* já conhecem pela sua competencia n'estas questões, e respondeu aos commerciantes portuguezes que: —não tendo noticia de haver sido apprehendida nenhuma remessa de vinhos portuguezes em virtude da circular do director das alfaudegas francezas, e não lhe sendo enviada nenhuma amostra de vinhos apprehendidos para ser examinada e se tomar conhecimento dos fundamentos da reclamação, a Camara do Commercio francez em Portugal convidava os signatarios da petição a fornecer os documentos necessarios para se fazer a conveniente apreciação.

Todavia, a commissão nomeada entende que a applicação da mencionada circular póde não ser indifferente aos interesses do nosso commercio vinicola; e n'um relatorio muito interessante, que acompanha a resposta dada aos commerciantes portuguezes, expõe um certo numero de considerações valiosas para o estudo d'esta questão. Em primeiro logar, diz-nos que o pensamento da circular Palain foi proteger os interesses do consumidor, do productor e do thesouro francez, contra o abuso que o commercio hespanhol estava fazendo da aguardentação exaggerada.

De um relatorio de Mr. Cros, presidente da Camara do Commercio de Barcelona, vê-se que a importação do alcool allemão em Hespanha tem ultimamente augmentado espantosamente, e que a aguardentação dos vinhos n'este paiz chegou a tal ponto que se imaginava lançar alcool na agua até 15 graus, corando esta mistura com uma das muitas substancias corantes artificiaes á venda, expedindo esta mixordia para França! Ora este abuso e esta fraude, que se pretendia fazer á sombra do tratado de commercio, que é egual ao nosso, na parte que se refere a vinhos, o qual permitte a entrada nos portos francezes, mediante um pequeno direito, aos vinhos que marquem 15,9 graus de alcool, constituia realmente um perigo para a saude publica e um prejuizo consideravel para os productores francezes e mesmo para os hespanhoes, defraudando ao mesmo tempo o thesouro da republica, porque se introduziam grandes quantidades de aguardente que não pagavam os direitos devidos.

N'estas condições, Mr. Antoine entende, e muito bem, que é necessario evitar um tal abuso, e que Portugal tem todo o interesse em conservar o seu bom nome nos mercados francezes, precavendo-se contra os alcools allemães, que têem innundado a Hespanha.

A circular Palain, na sua opinião, dirige-se contra os industriaes sem escrupulo, que fabricam toda a especie de vinhos sem uvas, e não aos vinhos naturaes, que pódem ser aguardentados com alcool de vinho em quantidade moderada para assegurar a sua conservação. Concorda, porém, em que a applicação da dita circular exige muitas cautellas, e conhecimento especial dos vinhos de cada paiz, para que o commercio não soffra transtornos e vexames, e o credito d'esses vinhos não seja prejudicado.

Do estudo feito sobre os nossos vinhos conclue a commissão:

Que os vinhos portuguezes teem uma graduação alcoolica, muito variavel, segundo a região, o anno, e mesmo o productor, entre 8 e 17 0/0. Os vinhos muito neutros no sul, são acidulos no Norte;

Na maior parte dos vinhos do sul, chamados da Extramadura, apenas apparecem vestigios de tanino, o que os torna um pouco inferiores aos vinhos francezes com relação á dosagem do extracto secco;

Este defeito não é irremediavel pois que se observam na mesma propriedade de vinhos muito ricos e outros muito pobres em extracto secco;

Estas differenças pódem ser attribuidas mesmo ao systema de fabrico de cada productor;

Os vinhos pobres em extracto secco, são os que teem menos curtimenta com o engaço e bagulho.

Estas summarias indicações são completadas com um resumo das analyses dos vinhos da exposição agricola de Lisboa, em 1884, feitas no Instituto Geral de Agricultura, pelas quaes se vê que, mórmente nos vinhos do sul, a relação entre a graduação alcoolica e a riqueza em extracto secco, está muito longe de ser a fixada pela alfandega (1 para 2,5).

Em taes circumstancias, sendo tão variavel esta relação, é impossivel tomar, dos nossos vinhos exportados para França, um typo authentico, que sirva de termo de comparação para o processo usado nas alfandegas francezas; e, por isso, a determinação do alcool relacionado com a percentagem de extracto secco em proporção fixa e constante, não póde constituir criterio seguro para se decidir se um vinho portuguez é ou não natural, é ou não aguardentado artificialmente.

Qualquer decisão tomada pelos peritos das alfandegas francezas, sob esta base, ha-de ser forçosamente arbitraria e sujeita a contestações e queixas justificadas da parte dos commerciantes. Parece-nos, portanto, conveniente que o sr. ministro dos negocios estrangeiros dirija ao governo francez uma exposição n'este sentido, para evitar quaesquer difficuldades futuras.

R.

SECÇÃO LITTERARIA

EM GONDOLA

(a Julio Brandão)

Como uma estrella a que pozessem
azas ou uma branca pomba que emprehendesse a travessia do Azul, afflando victoriosamente n'um rithmo chocante e fino, a gondola toda de prata,
corre, doce, mal roçando no mar a
quilha diamantina, os remos de oiro batendo e a vella de seda enfunada, alvejando, alvejando... Será o thalamo radioso dos celestiaes extasis do seu amor. Por isso sorriem como dois namorados.

Ella bate as mãosinhas aristocraticas, de uma real delicadeza de lyrio. E' uma princezinha loira como as das lendas dos nebulosos paizes do Rheno, onde os myosotis azulejam e moinhos de vellas brancas, batem as azas lavadas no ether luminoso, pequenina e luxuriosa, de longa trança perfumada e um translucido perfil á Van Daelen, feito de côr de rosa e amassado em sol. Elle é um pagemzito quasi na adolescencia, mais branco que os flócos de neve, e mais louro que os bellos trigaes maduros, e trova tão bellas canções no amado bandolim, cujas cordas são feitas dos cabellos da bem amada, que as princezinhas que o veem sentem que o coração se lhe vai nas melopeas sonhadoras do bandolim que uma branca fada lhe deu. Mas a gondola nevada, corre como uma estrella a que pozessem azas. E, ah! como é linda a noite passada no alto mar, no mar largo, nos braços d'uma princezinha que se ama, como é linda; o luar da meia noite, põe no azul sombrio das ondas esmaltes luminosos como despedeçamentos de nuveus, o céu avelluda-se docemente n'um diliumento de verg-mein-nigt, esfuma-se longes a terra, na indifinivel harmonia do silencio—as vagas estremecem ao hymno prodigioso dos fluidos como que uma musica fluctua menos cantada que apparecida, alguma coisa como um grande pensamento doce, entrevisto lentamente, pouco a pouco adivinhado entre a melodia estranha de uma poesia decadente...

A gondola voga.

*

Manso elle toma-lhe a mão. E tanto lh'a volta, e tanto a beija, que parece proparar-se para uma valsa mysteriosa, de wilies loiras, orchestada a musica de anjo no paiz distante ao sonho. No ar vogam beijos, e como que se sente os sopros a segredarem. Que dirão, que dirão? Não o ouvem, não o sabem. Elle beija-lhes as palpebras, onde aninha um olhar vaporoso e humido, d'esses olhares de loira, em que ha muita ternura e um pouco de ceu, beija-lhe os cabellos soltos, em chuva loira, e affaga sempre as mãositas, lentamente, como acariciaria uma avesita adormecida no seu leito de pennas, e, depois, doce, vai-lhe passando os versos no rosario das quadras, onde trinam rouxinoes, somnatas de lyrios, voam as rolas do beijo e as estrellas da caricia. Que dirão no ar os beijos que vogam, e os sopros que parecem segredarem?

*

Como um beijo a que pozessem azas o espirito da princezinha prepara-se para uma mystica viagem, e subtil ella sente que os seus olhos doces se lhe fecham, se lhe fecham na doce melancholia de virgem enamorada que sonha, sonho de um prazer infinito, o mais casto, o mais perfeito, tão perfeito como a propria vida... Então o duetto começa. As estrellas preparam-se para os ouvir; o mar cala a musica estranha dos seus fluidos onde se adivinha a melodia doce de uma *prejibera* de astros de rosas e d'assucenas; uma ondina das desertas florestas de coral, levanta a cabeça loira, e até o canto da sereia que se precebia rythmaticamente nos longes, se amortece devagar, devagar.

A branca princezinha canta, o loiro trovador acompanha no bandolim. E, aquellas notas vivas, lagrimas, risos, gritos de contentamento e dôr, que tremem, e logo choram, e soluçam e logo cantam, e depois supplicam em chuva de estrellas e em chuva de auroras, como que gemem coisas celestes em regiões suavissimas de eternos filazes, de eternos jasmins. Sim, percebia-se instinctivamente nas brandas melopeas do bandolim: eu hei de revelar-te a vida no seu calafrio sagrado, na communhão dos sexos sobre os labios da Volupia, na doçura de um soproque affaga; hei de iniciar-te no mysterio perturbador do beijo, pouco a pouco, muito docemente, com precauções de colibri, bebendo a alma de uma rosa e sem que uma unica gotta de impureza material caia na aza azulada das vossas chymeras! Então ella freme ao lyrismo do bem amado: os olhos vão-se-lhe apagando gradualmente, como duas gemeas estrellas ao vir da manhã, e a boquita gorda, florido de um desejo, dasabrocha como parecendo balbuciar na sua mudez: «Amo-te, vem...»

A gondola já não voga.

*

Depois, pelo azul, áquella hora morta em que os sonhos dos amantes fluctuam no ambiente perfumado, na agonia côr de rosa de bandolim, viam-se a boar as rolas dos seus beijos, as estrellas das suas caricias, como se lhe pozessem azas. E no fundo opalico da alva, á volta a vella de seda alvejando, alvejando...

Domingos Guimarães.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 10

Relação nominal dos portuguezes fallecidos na area do consulado da Bahia, referida ao mez de junho de 1888.

Relações nominaes dos portuguezes fallecidos nas areas dos consulados do Pará e Rio de Janeiro, referidas ao mez de julho de 1888.

Diario de 11

Concessão de differentes mercês honorificas.

Decreto auctorisando a confraria do Bom Jesus de Mattosinhos, no concelho de Bouças, a alienar algumas inscripções afim de comprar varios terrenos para ampliar as suas escolas e fundar um asylo de invalidos.

Decreto auctorisando a irmandade de Nossa Senhora do Terço e Caridade, da cidade do Porto, a applicar á amortisação de um emprestimo a quantia mutuada que recebeu da Santa Casa da Misericordia da mesma cidade.

Decreto regulando o numero de alumnos internos e extranhos que devem ser examinados por dia em cada disciplina do curso dos lyceus.

Decreto concedendo a commerciantes de vinhos, em nome individual, o estabelecimento de depositos geraes, em conformidade com as disposições do decreto de 29 de dezembro de 1887 e regulamento de 31 de janeiro de 1889.

Relação dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Rio Grande do Sul, no periodo de abril a junho de 1888.

Diario de 13

Annuncio para a entrega das obrigações do emprestimo de 4 por cento de 1888, em troca dos titulos provisorios.

Circular aos consules de Portugal no estrangeiro, relativamente ao commercio de vinhos portuguezes.

CORREIO DE LISBOA

17 DE MAIO DE 1889.

Não houve hoje sessão na camara electiva—porque não houve numero. A opposição havia pedido tres dias para exame do orçamento rectificado, por isso os deputados quizeram descançar esses tres dias. Desenganaram-se todos de que com esta camara nada se faz, e a consequencia é esta.

Na camara dos pares não se passou nada importante. E assim vae terminando isto.

— Hontem houve conselho de ministros em casa do sr. presidente do conselho, e para tratar, entre outros assumptos, da questão do caminho de ferro de Salamanca, que é a verdadeira questão do Porto.

— Os pares e deputados, representantes do districto de Aveiro, offereceram no Hotel Braganza um jantar ao sr. conselheiro Emygdio Navarro, como testemunho de consideração e de agradecimento pelos serviços prestados por este cavalheiro a esse districto, quando geriu a pasta das obras publicas. O banquete verificou-se na quinta-feira proxima. Eis o *menu*:—Potage, Bisque de Crevettes, Petites Bouchées au Salpicon, Filet de Sole á la Daumont, Filet de Boeuf á la Rachel, Noix de Veau á la Godard, Ghaufroid de Mauviettes, Sorbet au Kirsch, Dinde truffée farci, Salade Romaine, Asperges Sauce Mousseline, Pudding á la Trauffmansdorf, Gaufres Vanillées.

Dessert: — Café.

Vins: — Xerez et Madeira, Clos Marathon, Château Giscours, Pomard, Moét chandon frappé, Porto 1815.

Ao jantar assistiram os srs. Emygdio Navarro, José Luciano de Castro, José Dias Ferreira, marquez da Graciosa, Manuel Paes Villas Boas, conde de Castello de Paiva, Correia Leal, Francisco de Castro Mattoso, Antonio Maria de Carvalho, Almeida e Brito, Albano de Mello, Simões dos Reis, Barbosa de Magalhães e Armando Navarro. Reinou sempre o mais vivo e cordeal enthusiasmo. Levantou o primeiro brinde o sr. dr. Barbosa de Magalhães, que, como presidente da commissão executiva da junta geral, saudou em nome d'essa illustre corporação, e em nome de todo o districto, o prodigioso talento, a assombrosa iniciativa, a portentosa affabilidade e integridade de caracter de Emygdio Navarro, enumerando e exaltando os numerosos e extraordinarios beneficios por elle prestados ao progresso e prosperidade de Aveiro.

Respondeu-lhe o sr. Emygdio Navarro, declinando modestamente a gloria d'esses melhoramentos para os deputados do districto que lh'os lembravam e solicitavam, e saudando, nas pessoas dos seus representantes, o districto de Aveiro, cujo elogio fez; que para a satisfação das necessidades d'aquelle districto havia concorrido tambem poderosamente a circumstancia de ser natural do concelho de Aveiro o chefe do seu partido, e seu presado e particular amigo o sr. José Luciano de Castro.

Seguiu-se o nobre presidente do conselho, que declarou haver-se associado áquella justissima manifestação de sympathia e de reconhecimento do districto de Aveiro, porque além de ser filho d'aquella briosa terra, do que se orgulhava, o ligavam a Emygdio Navarro tão intimas, tão antigas, e tão sinceras relações de amizade, que nada as poderia cortar já agora.

Foi verdadeiramente eloquente e sentidamente affectuoso. Quasi que foi, por isso, com lagrimas na voz que Emygdio Navarro agradeceu tão commovente expansão, correspondendo-lhe com affirmação não menos sentida de acrysolada affeição.

Brindou depois tambem o sr. Dias Ferreira a Emygdio Navarro, justificando a sua concorrencia áquelle preito de homenagem pelo elevado principio, que sempre o tem inspirado, de ser justo com os proprios adversarios, não negando elogios a quem realmente os merece e muito menos apedrejando o sol no seu occaso, como succederia agora, que o sr. Navarro já não era ministro, se deixasse de tributar-lhe tambem, em nome do circulo que ha tantos annos o elege, a sua gratidão pelos melhoramentos com que o dotou.

Houve ainda muitos outros brindes, alguns eloquentes, e todos cordeaes, que é impossivel especificar, recordando-nos comtudo dos seguintes:

Do sr. conselheiro Albano de Mello ao sr. Dias Ferreira, dizendo que apezar das energicas e por vezes violentas luctas travadas no seu concelho com os amigos politicos de s. ex.ª, o saudava como a um dos homens mais eminentes do seu paiz, folgando de que elle viesse prestar homenagem de consideração pessoal a uma das individualidades mais queridas e sympathicas do partido progressista.

Do sr. Dias Ferreira ao sr. Albano de Mello, elogiando as suas brilhantes qualidades como advogado e como jornalista, e a sua provada e desinteressada dedicação ao seu partido.

Do sr. dr. Castro Mattoso ao sr. conselheiro Manuel Firmino, relembrando os serviços relevantes prestados por elle, com distincta abnegação, ao partido, ao districto e ao paiz.

Foi tambem brindado o sr. dr. Alexandre de Seabra, e entre todos os demais convivas se trocaram as mais cordeaes e affectuosas saudações, avultando as dirigidas ao nobre marquez da Graciosa, um dos mais sympathicos e bemquistos membros da fidalguia portugueza.

E assim terminou este affectuoso festejo.

— Realisou-se hontem o funeral do honrado jornalista sr. Eduardo Coelho. Não me lembra de vêr em Lisboa funeral mais concorrido do que este. Não é possivel calcular o numero de pessoas que formavam o prestito, que ia a pé. Desde o largo de Jesus até ao cemiterio dos Prazeres, pelas ruas do Poço dos Negros, de S. Bento e de Santa Isabel, havia alas compactas de povo. No prestito estavam representadas todas as classes, desde o alto commercio até á pequena industria, funccionalismo, pares, deputados, ministros honorarios, redacções de todos os jornaes de Lisboa e representantes de muitos periodicos da provincia, escolas, associações populares, azylos, camara municipal, etc. Sobre o feretro foram depostas 39 coroas, entre as quaes as seguintes: Uma da redacção do *Diario de Noticias*, com a seguinte dedicatoria: «A Eduardo Coelho, 14 de maio de 1889, homenagem saudosa e affectuosissima, ao companheiro sem igual, ao amigo dedicado, ao chefe exemplar, ao trabalhador insigne, os redactores e collaboradores do *Diario de Noticias*». Outra do sr. visconde de S. Marçal, socio do fallecido, com esta dedicatoria: «Ao meu saudoso amigo»; outras do pessoal da administração, typographos, *reporters*, distribuidores e vendedores do *Diario de Noticias*; outra da Associação Typographica Lisbonense; outra da commissão promotora do mausoléu do medico Sobral, na Guarda; diversas da familia e amigos do finado. Algumas das coroas eram de grande valor. O coche onde ia o feretro era ladeado pelos typographos do *Diario de Noticias*, seguindo atraz o pessoal da redacção e da administração da mesma folha. O povo descobria-se á passagem do feretro, como se quizesse prestar esta derradeira homenagem a quem trabalhára tanto a favor da instrucção popular. No cemiterio discursaram os srs. Pinheiro Mello, em nome da Associação dos Lojistas; Brito Aranha, em nome da redacção do *Diario de Noticias*; um delegado da Associação dos Fabricantes de Pão; Ribeiro, em nome da Liga das Artes Graphicas; Simões de Almeida e dr. Leonardo Torres. Na igreja os officios foram a grande instrumental, sob a regencia do maestro Rio de Carvalho, que se offerecera para esse fim.

— Consta que o sr. Anselmo d'Andrade, deputado e director politico do *Correio da Noute* vae ser nomeado professor do curso superior de letras. E' uma escolha dignissima.

— Vão tomando vulto as probabilidades de terem fundamento os boatos do apparecimento do sr. Semião d'Oliveira, d'este brioso e sympathico official de marinha, que ha dois annos desapparecera, indo n'uma missão especial ao Tejurgo, como capitão dos portos de Moçambique. A este respeito escreve um jornal d'aqui o seguinte:

«Um cavalheiro, nosso amigo, teve a amabilidade de nos mostrar hontem uma carta, recebida de Moçambique e na ultima mala, que dá informações mais precisas e mais claras, sobre a origem das noticias que ultimamente chegaram a Lisboa a que nos referimos. O mestre de uma embarcação moura fôra participar ao governador do districto de Angoche que, n'uma recente viagem ao interior d'aquelle districto, *encontrára o primeiro tenente Semião d'Oliveira e os seus companheiros captivos d'um potentado do interior*. Esta communicação parece ter sido fundamentada e merecer tamanho credito, que á data d'esta carta (3 d'abril) havia partido para o interior, afim de tratar do resgate do official portuguez e dos seus companheiros, uma expedição do commando do capitão Athayde, de que não podia ainda haver noticia.»

— Ainda só hontem é que partiu para a Serra da Estrella o sr. Guilherme Telles e Menezes, que alli vae tratar, como já lhe disse, da fundação de casas para tratamento da tuberculose. Como se sabe, a fundação d'esses hospitaes, por iniciativa do Club Herminio, terá logar ámanhã. Vae-se installar alli uma nova estação sanitaria para o tratamento da tuberculose, junto da Nave da Areia, tambem na Serra da Estrella. Em excursão scientifica subiram a este ponto no dia 7 os medicos dr. Julio Maria da Costa e dr. José Nunes Monaco. O local indigitado está a 1:500 metros de altitude, abrigado dos ventos sudoeste e nordeste, prestando-se a uma excellente arborisação d'onde se avista um magnifico panorama.

— Parece que se vae augmentar os soldos aos sargentos. No exercito ha 400 1.ºs sargentos e 800 segundos.

— Acabam de verificar-se os seguintes despachos de fazenda: O sr. Francisco Joaquim de Quadros Côrte Real, aspirante addido da repartição de Aveiro, foi collocado como primeiro aspirante na repartição do Porto; foi reintegrado o sr. Alfredo Ribeiro Neves Mattos Viegas no lugar de escripturario na repartição da Horta; o sr. Joaquim Antonio de Oliveira Leite foi exonerado a seu pedido do lugar de aspirante da repartição de Braga; o sr. Jayme Rodrigues Gouveia, aspirante da repartição do Funchal, foi nomeado, em commissão, escrivão de fazenda de Machico; foi transferido de Certã para a Covilhã o escripturario sr. Caetano Pereira Duarte; foi reintegrado na repartição da Certã o escripturario sr. José Gabriel Fonseca Diniz. Foi concedida licença de 30 dias ao sr. Manuel Serra Campos, escripturario da repartição da Figueira.

— Hoje, pelas 3 horas da tarde, houve na rua do Ouro uma scena de pugilato entre os deputados srs. Oliveira Mattos e Simões Dias. Deu causa a este conflicto a critica ao discurso do sr. Oliveira Mattos na camara dos deputados pelo jornal *O Globo*. Não passou da troca de algumas bengalladas, e não houve ferimentos. Foram apartados pelo sr. deputado Dantas Baracho.

— Vae fundar-se em Lisboa uma sociedade de rapazes que tem por fim o exercicio de jogos de destreza e agilidade ao ar livre, de preferencia portuguezes, e entre estes especialmente o *Jogo das barras*. A sociedade denominar-se-ha *Sociedade de barristas*. A primeira partida realisa-se domingo, no Campo Pequeno.

— Chega ao numero de 22 o das pessoas que este anno já foram a Pariz tratar-se com Pasteur.

— Realisaram-se hoje no ministerio da justiça as provas escriptas do 1.º turno dos concorrentes aos logares de escrivães de direito. Estavam inscriptos 35, faltaram 3 e desistiu um. A'manhã são as provas do 2.º turno.

— Hontem ás 11 horas da noite foi atropellado por um trem de praça, no largo de S. Julião, o sr. deputado Guilherme de Abreu, ficando ferido nos labios.

Y.

CARTA DO PORTO

18 DE MAIO DE 1889.

Vae caminho do seu termo a questão dos commerciantes de vinho. Em alguns armazens já se abriram trabalhos e dentro de pouco recomeçarão os serviços em todos elles. E' uma questão finda, pode dizer-se, questão que não teria existido se não fossem os instigadores politicos, que a levantaram e que lhe deram corpo.

— Está felizmente melhor o sr. visconde de Pereira Machado. Chegou a receiar-se pela sua existencia e com fundamento: mas ainda bem, que as duvidas se dessiparam, entrando já o doente em franca convalescença.

Z.

MOVIMENTO MARITIMO

BARRA D'AVEIRO

Sahidas em 15

Hiate *Machado I*, para o Porto, com sal.
Hiate *Joven Julia*, para o Porto, com sal.
Hiate *Social*, para S. Miguel.
Chalupa *Machado VII*, para o Porto, com sal.
Cahique *O que Deus quizer*, para Cezimbra, com sal.
Cahique *Santa Rita*, para Cezimbra, com sal.
Cahique *Elvira*, para Cezimbra, com sa

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

ASSOCIAÇÃO HUMANITARIA DOS SALVADORES

E

CLUB FLUVIAL D'AVEIRO

Convocatoria para a Assembleia Geral

A fim de se discutirem assumptos relativos aos festejos por occasião da inauguração da Estatua do grande tribuno José Estevam, e para tractar outros que directamente se relacionam com o Club Fluvial, tenho a honra de convidar todos os socios para comparecerem nas sallas d'esta Associação pelas 8 horas da noite do dia 19 do corrente.

Para os devidos effeitos se communica ainda que, se no referido dia 19 não comparecer o numero de socios precisos para que a Assembleia se constitua legalmente, attendendo á urgencia dos assumptos a tractar, ficam desde já convocados para comparecerem á mesma hora do dia 20 do corrente.

Aveiro, 17 de maio de 1889.

O Presidente da Assembleia Geral,

Daniel Baptista de Barros.

ANNUNCIO

PELA administração do concelho de Paiva, se mandaram affixar editaes com data de 11 de maio de 1889, chamando todos os interessados por qualquer principio ou de qualquer condição ou estado, para dentro do prazo de oito dias examinarem na secretaria da mesma administração os documentos e plantas relativos á expropriação de 1:750 metros quadrados de terreno das propriedades denominadas: Chão do adro e Gasamá, pertencentes ao paçal do reverendo parocho da freguezia de Fornos d'este concelho, Francisco Mendes de Lacerda e Vasconcellos, para a construcção do cemiterio parochial da dita freguezia, a fim de fazerem as reclamações e observações que julgarem convenientes.

O Vice-Presidente da Camara servindo de Administrador,

José de Freitas Paiva.

CONCURSO

PERANTE a Camara Municipal do concelho d'Ovar está aberto concurso por espaço de 30 dias, contados da segunda publicação d'este annuncio na folha official, para o provimento do logar de secretario da mesma Camara, com o ordenado annual de 250$000 reis.

Os concorrentes deverão satisfazer ao preceituado no decreto de 5 de janeiro de 1887.

Ovar e secretaria da Camara Municipal, 13 de maio de 1889.

O Presidente da Camara

Antonio Pereira da Cunha e Costa.

HOTEL SERRA

LUZO

O antigo Hotel Serra, de Luzo, melhorou as suas condições, fazendo uma casa nova, d'onde se gozam encantadoras vistas. Ha na nova e antiga habitação excellentes sallas e quartos mobilados de novo—tudo com a maior decencia. Este antigo e acreditado estabelecimento melhorou muito as condições da sua cópa e cosinha, sem alterar os preços uzuaes. Os criados são de toda a fidelidade, o serviço regularissimo, e acha-se já aberto e em serviço effectivo.

ARREMATAÇÃO

PELO Juizo de Direito da comarca de Aveiro e cartorio do 5.º officio, vae novamente á praça no dia 19 do corrente, por 11 horas da manhã, junto á porta do Tribunal Judicial d'esta comarca e por metade do seu valor:

Uma terra lavradia, sita no Valle do Tojinho, limite d'Angeja, pertencente aos executados Antonio d'Oliveira Santos e mulher, d'Angeja, na execução que lhes move a Fazenda Nacional, cujo predio vae á praça no valor de 18:000 reis.

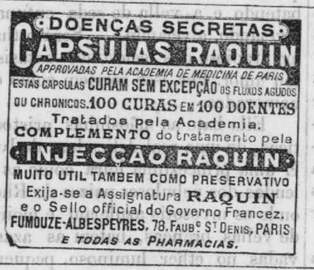
Pelo presente ficam citados quaesquer credores para assistir á arrematação.

Aveiro 10 de maio de 1889.

O escrivão interino,

Antonio Dias da Silva.

Verifiquei—*A. Cortezão.*



CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequeaos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA D'OURO

É esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL «SINGER»

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

ALUGA-SE

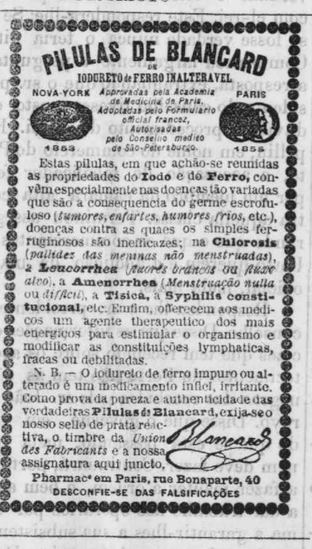
UMA casa com bons commodos na rua do Loureiro, d'esta cidade. Trata-se com Antonio dos Reis Santo-Thyrso, na mesma rua.

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & F.ºs, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e da estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.



A FORMOSA CONSPIRADORA

ROMANCE MODERNO

POR

PIERRE ZACCONE

Com illustrações a chromo-lithographia e gravura

Condições de assignatura:—O romance *A Formosa Conspiradora* compor-se-ha de 5 volumes de regulares dimenções, illustrados com 5 primorosas estampas chromo-lithographadas e 21 gravuras. A estampa colorida correspondente ao 1.º volume, é offerecida gratuitamente a todos os assignantes.

Lisboa e Porto.—Cada semana serão distribuidas 6 folhas de 8 paginas in-8.º francez, ou 48 paginas, pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega. Nas semanas em que as entregas forem acompanhadas de estampas, receberão os assignantes de Lisboa 5 folhas ou 40 paginas, apenas.

Provincias.—A assignatura será, como até agora, paga adeantadamente, na razão de 120 reis, cada fasciculo, franco de porte de 12 folhas ou 11 folhas e 1 estampa. As remessas para a provincia são feitas de duas em duas semanas.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

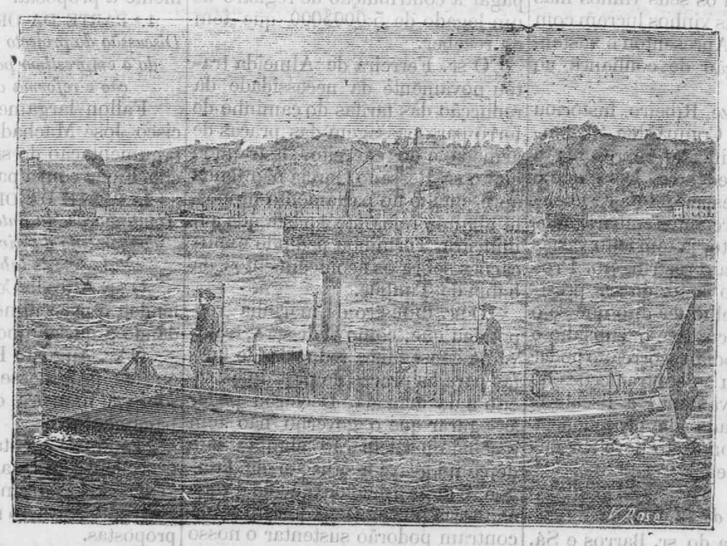
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza e ao serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, Ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Aceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, machas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

HISTORIA

DO

MUNICIPALISMO EM PORTUGAL

Estão publicados e acham-se em distribuição os primeiros fasciculos d'esta importante obra, que é a verdadeira historia nacional, porque assignala a parte que tiveram na constituição do estado os homens bons dos municipios, que collaboraram de maneira importante na grande operação da independencia, auxiliando as conquistas dos primeiros monarchas, as luctas em defeza da autonomia durante a segunda e quarta dynastia, as descobertas e navegações dos seculos XV e XVI, e que tanto padeceram sob o dominio e invasões estrangeiras.

Collaboram n'este trabalho monumental escriptores distinctos, o que ainda lhe augmenta a importannia.

A parte narrativa é reforçada com a transcripção de documentos, como os foraes, que são publicados na integra, na linguagem primitiva acompanhada da traducção, cartas régias, e provisões e outros, desentranhados do pó dos archives, alguns dos quaes veem a luz publica pela primeira vez.

N preço é relativamente modicissimo porque mediante o dispendio de 1$500 reis por anno, o assignante recebe 50 fasciculos de 16 paginas cada um, equivalente a um grosso volume de 800 paginas.

Recebem-se assignaturas na séde da *Bibliotheca historico-portugueza*—Lisboa rua de S. Bento 260—onde devem ser dirigidas todas as requisições. Quem se responsabilisar por 5 assignaturas tem direito a um exemplar gratis ou 20 p. c. das quantias cobradas. A obra depois de publicada augmentará de preço.

AO CLERO

J. J. DE MESQUITA PIMENTEL, correspondente em Portugal das principaes livrarias estrangeiras, acaba de receber os *Officios* e *Missas do SS. Rosario*, em todos os formatos e para todas as edições de *Missaes, Breviarios* e *Diurnos*.

Acaba de receber tambem um grande e variadissimo sortido de *Missaes, Breviarios, Diurnos, Rituaes*, etc., etc. Tudo novissimas edições e em todos os formatos, *Sacras, medalhas, contas, estampas*, etc.

P. S.—N'esta casa encontra-se sempre um sortido completo dos compendios adoptados nos differentes seminarios, lyceus, collegios, etc., do paiz.

Pedidos á Livraria Mesquita Pimentel—PORTO.

GRAMMATICA INGLEZA

POR

JACOB BENSABAT

Para uso dos lyceus

No *Diario do Governo*, de 12 do corrente, vem uma rectificação á lista dos compendios approvados para os lyceus, pela qual se corrige o equivoco que se deu na publicação da referida lista em que fora publicado o titulo de *Methodo grammatical*, por Bensabat, em vez do verdadeiro titulo do livro, que é *Grammatica ingleza, theorica e pratica*, por Jacob Bensabat.

Corrigido d'esta forma officialmente no *Diario* o equivoco, vê-se que a *Grammatica ingleza*, por Bensabat, um dos melhores trabalhos d'este auctor, faz parte dos livros approvados para o ensino do inglez nos lyceus.—Porto, 15 de novembro de 1888.

JACK, O ESTRIPADOR

ROMANCE DE ACTUALIDADE

Illustrado com gravuras.—Recente producção de James Middleton, ácerca dos crimes de Londres.—10 reis cada folha, 10 reis cada gravura. Lisbo e Porto, 60 rei por semana, pagos no acto da entrega.—Provincia, 120 reis, de duas em duas semanas, pagos adeantadamente. Assigna-se no escriptorio da administração, rua da Atalaya, 42, Lisboa.

LIVRARIA

DE

MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

OLIVEIRA MARTINS
Portugal nos mares..... 700
ALFREDO ALVES
Mebaucolia, poezia..... 700
DR. ANTONIO CANDIDO
O infante D. Henrique, discurso.... 200
EDUARDO COELHO JUNIOR
Retalhinhos—Contos Originaes..... 500
FERNANDES COSTA
O livro das soledades—Echos da Andaluzia..... 600
ALBERTO PIMENTEL
Atravez do passado..... 500
EÇA DE QUEIROZ
Os Maias, episodios da vida romantica, 2 grossos volumes..... 2$000

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO